

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O ABUSO SEXUAL E OUTROS MAUS-TRATOS NA VOZ DAS CRIANÇAS

Rute Isabel Saavedra Oliveira

Junho 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora
Margarida Isabel Rangel Santos Henriques (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A realização desta dissertação contou com o apoio e incentivo de diversas pessoas, e por isso seria inevitável não realçar o nome das mesmas. A todas elas os meus sinceros agradecimentos.

À Professora Doutora Margarida Henriques, orientadora do meu trabalho, agradeço todo o apoio e interesse demonstrados na elaboração desta investigação. Todos os saberes que me transmitiu, a exigência e o rigor, que foram decisivos para a realização deste estudo e para o meu próprio desenvolvimento pessoal. Obrigada por me ter acompanhado nesta jornada e por me ter incutido o “bichinho” das narrativas, que me permitiu também a mim enriquecer a minha história.

Ao Pedro, por tantas vezes ter sido a minha “luz ao fundo do túnel”, pelos serões, por todo o apoio, ajuda e conhecimentos transmitidos. Ao meu grupo de investigação, por todo o apoio demonstrado e partilha de saberes.

Aos meus pais, todo o amor, esforços, todos os sorrisos de força, pela alegria das minhas conquistas e por nunca deixarem de acreditar em mim, quando sou a primeira a fazê-lo. Por estarem presentes em todos os momentos da minha vida e acompanharem todo o meu percurso, incentivando-me sempre mais e mais. A eles devo tudo o que sou e não poderia estar mais grata por isso.

Ao meu irmão, pelas conversas, pelo apoio, pelo amor, e por sempre me fazer sentir a melhor do mundo. Por tantas vezes ter sido o meu “porto seguro” e me fazer acreditar sempre que o céu é o limite.

Aos meus avós, por serem tantas vezes o meu pilar, pelo orgulho que demonstram por mim, pelos sorrisos e palavras de conforto e por me fazerem sentir a neta mais feliz e amada. Um obrigada especial ao meu avô Oliveira, que apesar de me ter deixado a meio desta etapa, foi sempre a minha estrelinha guia, que tantas vezes me deu força para continuar. Todas as palavras que me dizia, recapitulava na minha cabeça para nunca perder o norte, a ele que me fez perceber “Que tudo o que é bom dura o tempo necessário para ser inesquecível” (Fernando Pessoa).

À Margarida e à Liliana, pela amizade incondicional, pelos risos e sorrisos, por sempre acreditarem em mim, pelas conversas de incentivo, por ocuparem um lugar tão especial no meu coração. Ao Gonçalo, por me ter acompanhado neste último ano, pelos desabafos, pelo apoio e por sempre acreditar nas minhas conquistas.

A toda a minha família e amigos chegados, eles sabem que são.

A todos, agradeço de coração. Sem vocês nunca teria chegado até aqui. Obrigada!

Resumo

As narrativas afiguram-se essenciais para a integração das experiências vividas pelo indivíduo, constituindo-se assim uma expressão da capacidade significadora da criança de uma eventual experiência de maus-tratos. Experiências de abuso sexual e outros maus-tratos originam inúmeros problemas desenvolvimentais, e dificultam a significação destas experiências, tornando-se pertinente compreender se estas crianças integram tais acontecimentos nas suas narrativas de vida.

Este estudo tem como objetivo explorar em que medida as narrativas de vida de crianças maltratadas revelam o próprio mau-trato e comparar a elaboração narrativa dos maus-tratos entre as crianças que vivenciaram diferentes tipos de mau-trato, designadamente abuso sexual. A amostra é constituída por 16 crianças do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos, a viver em acolhimento residencial. Partindo-se de uma base de dados de narrativas de vida já existente, o presente estudo empírico focou-se, numa primeira etapa, na realização de uma análise de conteúdo a cada uma das narrativas de vida, utilizando para isso um *Manual de Análise Temática* (Silva, Teixeira e Henriques, 2017) e procedendo à posterior classificação dos temas narrados pelas crianças em macro-categorias. Numa segunda etapa, foi analisado em profundidade o modo como foi narrado e significado o mau-trato, nas seis narrativas de vida em que este foi referido, para o efeito, foi construído a priori um sistema de categorias que conduziu a análise de conteúdo, a qual culminou numa narrativa do investigador descritiva do que a criança referiu acerca da situação e numa sistematização do conjunto dos resultados.

Em suma, os resultados demonstraram que cerca de um terço das crianças que incluem histórias de maus-tratos nas suas narrativas de vida, manifestam capacidade mnésica de aceder a essas vivências e abertura a partilhar este tema. Quando o fazem, as crianças descrevem com pormenor e de forma espontânea a(s) experiência(s) de mau-trato, nomeadamente as que sofreram abuso sexual, e referem-se inclusivamente ao impacto que esses maus-tratos tiveram na sua vida e poderão ainda ter na sua vida futura. Identificou-se de acordo com o previsto na literatura que nos casos de abuso sexual as crianças apresentaram maior desenvolvimento do tema e uma narrativa mais elaborada. É ainda de salientar o resultado de que, no geral, estas crianças mesmo tendo vivenciado experiências de vida traumáticas, apresentam nas suas narrativas uma ampla diversidade de temas, escapando ao carácter monotemático das narrativas altamente problemáticas e sugerindo um bom funcionamento a este nível do processo de significação.

Abstract

The narratives are essential for the integration of the experiences lived by the individual, thus being an expression of the child's ability to signify a possible experience of maltreatment. Experiences of sexual abuse and other maltreatment lead to countless developmental problems, and affect the meaning-making capacity regarding these experiences, making it ever more pertinent to understand if these children integrate such events into their life narratives.

This study aims to explore the extent to which the life narratives of maltreated children reveal their own maltreatment and compare the narrative elaboration of maltreatment among children who have experienced different types of maltreatment, namely sexual abuse. The sample consisted of 16 female children, aged between 8 and 11 years, living in a residential home. Starting from an existing database of life narratives, the present empirical study focused, in the first stage, on the making a content analysis for each of the life narratives, using a Manual of Thematic Analysis (Silva, Teixeira and Henriques, 2017) and proceeding to the subsequent classification of the themes narrated by the children in macro-categories.

In a second stage, it was analyzed in depth how the maltreatment was narrated and signified, in the six life narratives in which it was mentioned; to do so, a system of categories was constructed a priori which led to an analysis of content, culminating in a descriptive narrative of the researcher of what the child said about the situation and in a systematization of the set of results.

In sum, the results showed that about a third of the children include stories of abuse in their life narratives, thus manifesting memory ability to access these experiences and openness to share this theme. When they do so, children describe spontaneously and in detail the maltreatment experience (s), including those who have been sexually abused, who even mention the impact such maltreatment may have had and may still have in their future life. It was identified, according to what is predicted in the literature that in the cases of sexual abuse the children presented greater development of the subject and a more elaborated narrative. It is also worth mentioning the fact that, in general, these children, even those who experienced traumatic life experiences, present in their narratives a wide diversity of themes, escaping the monothematic nature of highly problematic narratives and suggesting a good functioning at this level of the meaning-making process.

Résumé

Les récits sont essentiels pour l'intégration des expériences vécues par l'individu, constituant ainsi une expression de la capacité de signifier une éventuelle expérience de maltraitance. Les expériences d'abus sexuels et autres mauvais traitements sont à l'origine de nombreux problèmes du développement et compliquent la signification de ses expériences d'où est donc nécessaire de comprendre si ces enfants intègrent de tels événements dans leurs récits de vie.

Cette étude vise à déterminer dans quelle mesure les récits de vie de ces enfants maltraités révèlent l'abus lui-même et à comparer de quelle façon ils préparent leurs récit des mauvais traitements causés par toutes ces différentes sortes de maltraitance dont les abus sexuels. L'échantillon est composé de 16 enfants de sexe féminin, âgées de 8 à 11 ans et vivants en foyer. A partir d'une base de données de récits de vie déjà existants, cette étude empirique se base, dans un premier temps, dans la réalisation d'une analyse de contenu de chacun des récits de vie, utilisant pour cela un Manuel d'Analyse Thématique (Silva, Teixeira e Henriques, 2017), permettant par la suite la classification des sujets abordés par les enfants en macro-catégories.

Dans un deuxième temps à été analysé, en profondeur, la façon de comment à été racontée et signifiée la maltraitance; dans les six récits de vie dans lesquels elle à été mentionnée pour cela, un système de catégories à été, à priori, construit et à conduit à une analyse de contenu qui à abouti dans un récit descriptif du chercheur de ce que l'enfant a dit au sujet de la situation et à la systématisation de l'ensemble des résultats.

En somme, les résultats ont montré qu'environ un tiers des enfants incluant des histoires d'abus dans leurs récits de vie manifestent une capacité mnésique pour accéder à ces expériences et s'ouvrir pour partager ce thème. Quand ils le font, les enfants décrivent spontanément et en détail les expériences de maltraitance, y compris ceux qui ont été victimes de violence sexuelle, qui mentionnent même l'impact que de telles maltraitements ont eu et peuvent encore avoir dans leur vie future. Il a été identifié, selon ce qui est prédit dans la littérature que, dans les cas d'abus sexuel, les enfants présentent un plus grand développement du sujet et un récit plus élaboré. Il convient également de mentionner que, en général, ces enfants, même ceux qui ont vécu des expériences de vie traumatique, présentent dans leurs récits une grande diversité de sujets, échappant à la nature monothématique de récits très problématiques et suggérant un bon fonctionnement à ce niveau du processus de signification.

Índice

Introdução	1
I-Enquadramento Teórico	2
1. Maus-tratos na infância	2
1.1. Conceito e tipologias de maus-tratos	2
1.2. Consequências dos maus-tratos na infância	6
1.3. Abuso sexual na infância: um tabu	9
2. A narrativa como construção de significados	12
2.1. Abordagem narrativa na psicologia	12
2.2. Narrativas de abuso sexual	17
II - Estudo Empírico	19
1. Método	19
1.1. Introdução	19
1.2. Participantes	20
1.3. Instrumentos	21
1.4. Procedimentos	22
2. Resultados	23
2.1. Análise Temática das Narrativas de Vida e emergência da referência a maus tratos	23
2.2. Análise de conteúdo das Narrativas de maus tratos	32
3. Discussão	40
4. Conclusão	44
Referências bibliográficas	47

Índice de Tabelas

Tabela 1. Total de temas (38) identificados nas narrativas de vida das crianças, (N=16), ordenados por frequência decrescente.	23
Tabela 2. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança, integrados na macro-categoria Família (10 temas).	26
Tabela 3. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria Escola e outros contextos de socialização (7 temas).	28
Tabela 4. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria Maus-tratos, instituição, família de afeto e visitas (8 temas).	29
Tabela 5. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria Brincadeiras e relação com pares e amigos (4 temas).	30
Tabela 6. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria Acidentes, problemas de saúde e morte (3 temas).	31
Tabela 7. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria Férias e Festas (3 temas).	31
Tabela 8. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria Outros (3 temas).	32

Introdução

Os maus-tratos a crianças tem sido um problema cada vez maior em todas as sociedades, sendo considerado um fenómeno ameaçador, que tem efeitos negativos ao nível da proteção, dos cuidados e do desenvolvimento da criança.

Dependendo da duração, do tipo de mau-trato e de quem o aplica, estes efeitos negativos irão ter consequências a nível social, emocional, cognitivo e comportamental.

Dos diversos tipos de maus-tratos, aquele o que se considera ainda tabu, é o mau-trato por abuso sexual. Um crime sexual, independentemente da sua forma de perpretação, transporta em si, de alguma forma, a destruição de uma vida. A criança deixa de ser criança, e o abuso sexual de que foi vítima fará parte para sempre de si mesma.

As histórias de vida mais ou menos adversas, têm influência na forma como cada criança fala da sua vida e constrói significados acerca disso. Assim, é preciso ter em conta que existem eventos traumáticos que vão tornar difícil que a criança conte a sua história.

Este estudo tem como principal objetivo investigar em que medida as narrativas de vida de crianças maltratadas referem o próprio mau-trato e comparar a elaboração narrativa dos maus-tratos entre as crianças que experienciaram diferentes tipos de mau-trato, nomeadamente abuso sexual.

Para levar a cabo a execução deste estudo, tornou-se fundamental estruturar o trabalho por partes. Na primeira parte irá ser apresentado o enquadramento teórico, onde será feita uma revisão da literatura e investigação relativas aos maus-tratos a crianças, dando ênfase ao abuso sexual e onde será contextualizada a narrativa como construção de significados. Numa segunda parte será apresentado o estudo empírico onde serão expostos os objetivos do estudo, os participantes, os instrumentos utilizados, o procedimento de recolha e análise de dados, resultados e respetiva discussão. Por último serão apresentadas algumas conclusões acerca dos resultados mais pertinentes do estudo, algumas limitações e sugestões para futuras investigações.

I-Enquadramento Teórico

1. Maus-tratos na infância

Como referiu Artur Santos Silva, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, numa conferência “é na infância que tratamos do nosso próprio futuro” (Silva, 2015, Novembro 12). Assim, torna-se impreterível proteger as crianças, sejam quais forem as circunstâncias.

A história de vida de um indivíduo tem um efeito preponderante no seu desenvolvimento psicológico, nomeadamente as experiências intrafamiliares (Antunes, 2005), uma vez que a família é o primeiro contexto de socialização, onde os pais funcionam como principais parceiros de interação, fornecendo variadas experiências, responsáveis pela organização e desenvolvimento da criança. Contudo, os pais, por fatores de diversa natureza, podem deixar de ser sujeitos protetores, inviabilizando o desenvolvimento adequado dos filhos (Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006).

Os maus-tratos a crianças são cada vez mais um problema que inquieta a sociedade. Apesar de esta ser uma realidade tão antiga quanto a história da humanidade, só recentemente têm sido feitos estudos mais objetivos acerca deste fenómeno, deles ressaltando que o seu impacto negativo afeta a criança, não somente durante a sua infância, mas por toda a sua vida (Antunes, 2005; MacMillan, 2011; Sheree & Cicchetti, 2004).

A experiência de mau-trato interfere no desenvolvimento da criança nos seus diversos níveis, neurológico, social, emocional, comportamental e cognitivo (Glaser, 2000). Ocorrendo os maus-tratos durante um período em que o cérebro está em formação, estes podem causar danos permanentes no desenvolvimento, estrutura e funções cerebrais, sendo os hemisférios esquerdos destas crianças vítimas de violência significativamente menos desenvolvidos do que o esperado (Teicher, 2002).

1.1. Conceito e tipologias de maus-tratos

É essencial compreender o conceito de maus-tratos, cuja definição está longe de ser clara e consensual. Cada sociedade apresenta uma visão diferente deste conceito e as diferentes áreas científicas e profissionais (legais, médicas, psicológicas, etc.) procuram dar uma definição, não conseguindo chegar a um total acordo (Oliveira & Pais, 2014; Varela, 2007), nomeadamente dada a sua abrangência, tal como destacam Oliveira e Pais: “*Uma*

outra questão que se levanta é relativa à abrangência do conceito: uma definição muito restrita pode não incluir formas de maus-tratos fundamentais e atuais mas, por outro lado, uma definição demasiado abrangente pode incluir atos que, ainda que podendo ser postos em causa, não podem ser considerados como uma forma de maus-tratos” (2014, p.37).

Não existe um guia universal sobre a forma como se devem educar as crianças, sendo que para certas pessoas e grupos socioculturais podem ser formas de educação e disciplina, para outros pode ser considerado como formas de maus-tratos. Assim, o conceito de maus-tratos pode alterar perante a sociedade no espaço e no tempo (Peixoto, 2007; Varela, 2007). É importante ressaltar que a ocorrência de maus-tratos não depende somente do comportamento do agressor, mas também do meio onde a criança está inserida (Varela, 2007) e o discurso cultural vigente.

Posto isto, não se trata de encontrar uma definição singular e intemporal do fenómeno, mas torna-se fundamental em cada trabalho tornar clara a definição que assumirá como referência. Segundo várias definições de diferentes autores, são considerados maus-tratos com crianças, qualquer ação e/ou omissão não accidental, perpetrada pelos pais, cuidadores ou sociedade em geral, que ameace a segurança, dignidade, necessidades físicas, desenvolvimento biopsicossocial e emocional da vítima, ou da plena execução dos seus direitos e liberdade (DGS, 2011; Magalhães, 2010; Oliveira & Pais, 2014).

O conceito de maus-tratos agrupa diferentes tipologias, podendo estas variar de acordo com os diversos investigadores. Habitualmente distinguem em cinco ou seis diferentes tipos de maus-tratos. A classificação usada pela Direção Geral de Saúde (2011) e também apontada por Peixoto (2007) e Oliveira e Pais (2014) identifica as seguintes categorias de maus-tratos que de seguida aprofundaremos: (1) maus-tratos físicos; (2) abuso sexual; (3) maus-tratos psicológicos/emocionais; (4) negligência; (5) testemunho por crianças de violência doméstica; (6) Síndrome de Munchausen por Procuração.

1.1.1. Maus-tratos físicos

Os maus-tratos físicos traduzem-se como qualquer ação não accidental, isolada ou repetida, perpetrada pelos pais, pessoa com responsabilidade, poder ou confiança da criança e que provoque ou possa provocar danos físicos ou doença na criança (DGS, 2011; English, 1998; Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006; Varela, 2007).

Incluem-se como exemplos deste tipo de maus-tratos o uso do castigo físico como método de disciplina habitual, a agressão física devido a falta de controlo dos pais/cuidadores e situações de tortura como queimaduras intencionais, com pontas de

cigarro, bater com a cabeça da criança na parede ou superfícies duras, bater com chicotes, cintos, recurso a objetos cortantes que provocam incisões no corpo da criança, entre outros (Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006; Varela, 2007).

Os maus-tratos físicos são habitualmente a forma de mau-trato mais fácil de reconhecer, podendo muitas vezes levar à morte, incapacidade permanente ou hospitalização da criança (DGS, 2011; Varela, 2007).

1.1.2. Abuso sexual

O abuso sexual é considerado, segundo a Organização Mundial de Saúde, como qualquer atividade sexual que uma criança não pode compreender ou dar o seu consentimento, ou que viole a lei. Estes tipos de maus-tratos podem incluir beijos, manipulação dos genitais, prática de coito (oral, anal ou cópula), contato genital, exibicionismo, exposição à pornografia, bem como utilização da criança em sessões fotográficas e filmagens (DGS, 2011; English, 1998). O adulto serve-se da criança para satisfazer os seus desejos sexuais baseando-se numa relação de poder ou autoridade (DGS, 2011; English, 1998; Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006; Varela, 2007).

1.1.3. Maus-tratos psicológicos/emocionais

Os maus-tratos psicológicos ou emocionais constituem a tipologia menos visível, mas sempre presente em todas as outras formas de maus-tratos (Varela, 2007). Os maus-tratos psicológicos traduzem-se na incapacidade dos pais/cuidadores oferecerem às crianças um ambiente seguro, assim como um suporte emocional e afetivo positivo, indispensáveis ao seu desenvolvimento emocional, social e sexuais equilibrados. Esta tipologia compromete o desenvolvimento físico e psicossocial da criança, assim como a estabilidade das suas capacidades emocionais e sociais (DGS, 2011; Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006; Varela, 2007).

Este tipo de mau-trato compreende diversas situações, entre elas a rejeição, falta de atenção, punição psicológica, ausência de afeição, difamação da criança, bem como aterrorizar, ignorar ou corromper a criança (DGS, 2011; English, 1998; Varela, 2007). É importante ter ainda em atenção, que o facto das necessidades básicas de uma criança estarem garantidas, como a alimentação, vestuário, segurança, assistência médica e educação, não significa que situações de abuso psicológico não existam, pois estas crianças passam por um “abandono” afetivo como refere a DGS (2011), uma vez que os seus pais têm uma vida profissional e social muito ativa, ou pelo facto de ficarem entregues, a maior

parte do tempo a diversos cuidadores, fazendo com que não criem laços de vinculação seguros, nem figuras de referência, podendo assim influenciar a imagem que têm de si mesmas, influenciando na construção do futuro (DGS, 2011).

1.1.4. Negligência

A negligência resulta em comportamentos de omissão por parte dos pais/cuidadores, no que respeita à prestação de cuidados a ter com uma criança, não sendo asseguradas as suas necessidades básicas de higiene, alimentação, carinho e atenção, educação, saúde e supervisão adequada (DGS, 2011; English, 1998; Varela, 2007). Esta incapacidade de proporcionar a satisfação das necessidades básicas da criança, é válida tanto para negligência física, como emocional (English, 1998). Esta tipologia de mau-trato, costuma habitualmente perdurar no tempo, manifestando-se de forma ativa quando subsiste a intenção de provocar dano na criança, ou passiva, quando os pais/cuidadores não têm a capacidade nem competência para assegurar tais necessidades (DGS, 2011).

A negligência pode também ser considerada um tipo de mau-trato psicológico, podendo assim assumir formas invisíveis. As necessidades primárias podem estar satisfeitas, mas fica a faltar o carinho, a atenção, a existência de laços de vinculação, emergindo deste modo problemas emocionais que podem ser maiores que os das crianças abusadas fisicamente (Varela, 2007).

1.1.5. Testemunho por crianças de violência doméstica

Presenciar ocorrências de violência doméstica pode, de certa forma, perturbar de forma significativa e a vários níveis uma criança, sendo por isso considerada por diversos investigadores uma tipologia de mau-trato (Kitzmann, 2007). As crianças que testemunham situações de violência doméstica, mesmo não sendo o alvo direto da agressão física, acarretam em si problemas psicológicos, emocionais, comportamentais, sociais e académicos, em parte semelhantes ao de crianças que sofrem maus-tratos físicos (MacMillan, 2011; Kitzmann, 2007).

Nem todas as crianças reagem da mesma forma perante uma situação de violência doméstica, enquanto umas têm tendência a intervir ou a tornarem-se agressivas, outras apenas se isolam. Deste modo, o que pode ser adaptativo no contexto da violência doméstica pode ser desadequado num outro contexto (Kitzmann, 2007).

Note-se que crianças vítimas desta tipologia mostram mais dificuldade em comunicar e ficam sujeitas a comportamentos emocionais mais desequilibrados, pois não têm figuras de referência que as ajudem a autorregular-se (MacMillan, 2011).

1.1.6. Síndrome de Munchausen por Procuração

A Síndrome de Munchausen por Procuração resume-se no facto de os pais/cuidadores provocarem ou inventarem na criança diversos sinais e sintomas, o que faz com que a equipa médica submeta a criança a procedimentos de diagnósticos, tratamentos e internamentos hospitalares desnecessários e frequentes, muitas vezes prejudiciais ao bem-estar da criança (DGS, 2011; Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006). É das formas mais raras de maus-tratos, contudo com grandes complicações no seu diagnóstico, uma vez que os sintomas são induzidos de forma repentina (DGS, 2011; Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006).

O motivo por detrás desta tipologia de mau-trato prende-se com o facto de os pais/cuidadores quererem chamar a atenção e a simpatia das pessoas que os rodeiam, principalmente de pessoas com uma figura respeitável, como por exemplo os médicos (Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006). Assim, as crianças são usadas como mediadores, para que os pais consigam obter os seus propósitos.

É importante realçar que os pais/cuidadores que infligem este tipo de mau-trato, muitas das vezes não o fazem intencionalmente, mas sim porque apresentam uma perturbação grave da personalidade, necessitam de atenção psicológica e revelam uma incapacidade para identificar entre as necessidades da criança e as suas próprias necessidades (Promoção e Proteção dos direitos das crianças, 2006).

Como referem Pinto e Maia (2009), segundo a National Data Archive on Child Abuse and Neglect, a negligência é o tipo de mau-trato com maior prevalência, na maioria dos países, seguido da ocorrência de mau-trato físico, abuso sexual e mau-trato psicológico/emocional. Ainda segundo os autores, é importante realçar que estes dados apenas refletem os maus-tratos oficialmente identificados, sendo que a maior parte das vezes as ocorrências de maus-tratos não chegam a ser detetadas nem participadas.

1.2. Consequências dos maus-tratos na infância

Os maus-tratos na infância trazem graves consequências para as crianças, essencialmente ao nível do seu normal desenvolvimento. As áreas física, emocional, social

e cognitiva são as principais afetadas pelas experiências negativas pelas quais as crianças passam ou passaram.

As consequências dos maus-tratos podem ser mais ou menos graves, dependendo de alguns fatores considerados de risco, promovendo assim a desproteção da criança: duração e gravidade dos maus-tratos, a tipologia de mau-trato, a idade da criança e do início da ocorrência, o nível de desenvolvimento da criança, tipo de relação entre agressor-criança e a personalidade da criança (Richardson, Henry, Black-Pond & Sloane, 2008; Varela, 2007).

1.2.1. Consequências a nível físico

As consequências dos maus-tratos podem produzir danos a curto, médio e longo prazo, sendo a nível físico a área que mais apresenta evidências da sua existência. Quando ocorre agressão, as queimaduras, os hematomas, as fraturas, as contusões, as doenças sexualmente transmissíveis, distúrbios de sono e alimentação, dificuldades de aprendizagem e ainda fugas de casa, uso de álcool e drogas são as consequências evidentes da existência de maus-tratos (Junqueira & Deslandes, 2003; Van der Put, Lanctôt, Ruiter & Vugt, 2015; Varela, 2007; Weitzman, 2005). Deste modo, a nível físico são várias as lesões cerebrais e físicas que podem aparecer numa criança, não só no momento da ocorrência, mas que se podem prolongar durante toda a vida, ou manifestar com o decorrer do seu desenvolvimento.

1.2.2. Consequências a nível emocional

De acordo com Maia e colaboradores (2007), diversos estudos mencionam que as situações de maus-tratos na infância podem ser um fator de risco para o desenvolvimento de perturbações da ansiedade, e em particular de perturbação de stress pós-traumático, bem como, de baixa autoestima, sentimentos de vergonha e culpabilização.

Para além destas, existem outras consequências dos maus-tratos a nível emocional, como por exemplo, um padrão de vinculação desorganizado, dificuldades de autorregulação emocional, sintomas dissociativos, falta de confiança em si próprio, pensamentos suicidas e desenvolvimento de perturbações psicológicas (tanto enquanto crianças como na fase adulta), sensações de medo, angústia, raiva e insegurança face às ocorrências de maus-tratos (Maia et. al., 2007; Richardson, Henry, Black-Pond & Sloane, 2008; Van der Put, Lanctôt, Ruiter & Vugt, 2015; Varela, 2007; Weitzman, 2005).

Crianças que sofrem maus-tratos físicos tendem a ser mais agressivas com os seus parceiros de interação, pois têm dificuldades em estabelecer relações com os pares (English,

1998), em virtude de seu modelo interno de vinculação inseguro associado a diversas outras dificuldades.

Em crianças negligenciadas, quando a capacidade de confiar nos outros é abalada, pode levar a sentimentos de rejeição, fazendo com que não consigam estabelecer relações normativas com os quem a rodeia, nem estabelecer vínculos com os pares (English, 1998).

1.2.3. Consequências a nível social

As crianças que vivenciam experiências de maus-tratos apresentam normalmente comportamentos pouco comuns. Segundo Varela (2007) os comportamentos autodestrutivos, provocativos e comportamentos que contrariam as regras são os mais frequentes.

As crianças que exibem uma conduta antissocial e delinquente podem vir, quando adultos, a reproduzir as agressões de que foram vítimas nos seus próprios filhos. Deste modo, a probabilidade de que estas crianças venham a sofrer de problemas de depressão e dificuldades de aceitação social é muito superior quando comparada a crianças que não experienciaram este tipo de situações (Magalhães, 2002; Varela, 2007). Outros problemas, ainda a este nível, são os comportamentos agressivos, de isolamento, baixa iniciativa e baixa motivação, aliados a condutas antissociais e delinquentes (Varela, 2007).

Estudos realizados por Flores e Caminha concluíram que o abuso sexual afeta o comportamento social das crianças durante o seu desenvolvimento até à idade adulta, fazendo com que seja difícil para estas crianças confiarem em quem as rodeia (Florentino, 2015). É importante ainda ressaltar que grande parte das crianças que foram abusadas para além de mostrarem um comportamento antissocial, quando comparadas com crianças que não sofreram ou sofreram outro tipo de mau-trato, são crianças com fortes dificuldades na relação com a sociedade, e que especificamente partilham e ajudam menos (Florentino, 2015).

1.2.4. Consequências a nível cognitivo

Os maus-tratos na infância têm impacto negativo a nível cognitivo podendo ser visíveis pelo baixo rendimento escolar da criança, pela redução da sua capacidade intelectual, menor curiosidade, falta de motivação, de interesse, de memória, fraca linguagem, entre outros (Magalhães, 2002; Varela, 2007). Importa referir que as vítimas de maus tratos apresentam também comportamentos de irritabilidade, inquietação e

perturbações de sono que poderão afetar o rendimento cognitivo, conduzindo a problemas psicológicos (English, 1998; Varela, 2007).

Para colmatar estas consequências e com o objetivo de conhecer em profundidade esta problemática, começou a haver uma maior formação para diversos profissionais, entre eles das áreas da psicologia, medicina, enfermagem, direito, odontologia, serviço social, saúde pública e educação (Miller-Perrin & Malloy, n/d). Deste modo, segundo a DGS (2011), aquando da existência de suspeita de maus-tratos em crianças, independentemente da tipologia, os diversos profissionais devem intervir de forma rápida e eficaz, sempre com o intuito de salvaguardar o superior interesse da criança, e ter como objetivos primeiros a proteção da criança, a intervenção no risco para prevenir a sua evolução para o perigo e evitar a recorrência.

As diversas consequências que poderão advir de uma experiência de maus-tratos não afetam todas as crianças da mesma maneira. Cada criança atribui um significado próprio à situação pela qual passou ou está a passar (English, 1998 e Pollak, 2004). Assim, torna-se necessário fazer uma avaliação individual a cada criança, de modo a examinar os fatores de risco e definir um plano de vida com sucesso (English, 1998).

1.3. Abuso sexual na infância: um tabu

O abuso sexual infantil é um problema prevalente na sociedade de hoje, apoiado em crenças, padrões e valores da época e cultura em que vivemos. Tem vindo a ser desenvolvido na área dos crimes sexuais e afeta crianças de diferentes idades, níveis socioeconómicos e culturais distintos e envolve um grande número de efeitos biológicos, sociais e psicológicos para as vítimas, famílias e sociedade em geral (Formigo, 2014; Miller-Perrin & Malloy, n.d).

O abuso sexual é pautado por um grande secretismo, dificultando por isso a intervenção nestas situações (Magalhães, 2010). Segundo Furniss, referido por Magalhães (2010), o facto de as crianças não revelarem a situação pela qual estão a passar, está relacionado com as atitudes impostas pelo abusador, através de ameaças e promessas, para que a criança mantenha o segredo, “síndrome de segredo”. Como refere Vieira (2006), é importante fazer com que a criança fale acerca da experiência pela qual passou, de forma a não criar resistência à relação com adultos e sinta que possa criar laços afetivos com os mesmos.

As crianças vítimas desta tipologia de maus-tratos podem apresentar inúmeras consequências no que respeita ao seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, emocional, comportamental e social (Borges & Dell’Aglia, 2008; Magalhães, 2010). Contudo, como

refere Magalhães (2010), há situações em que as crianças mesmo tendo experienciado o abuso sexual, não expressam sintomas consequentes da ocorrência pela qual passaram, sendo assim chamadas de vítimas assintomáticas. É importante ainda referir o sucesso aquando da existência de fatores protetores, como recursos cognitivos, emocionais e familiares competentes, na medida em que permitem que a criança integre a experiência sem a necessidade de recorrer a apoio psicológico (Magalhães, 2010).

Posto isto, é importante fazer referência às consequências psicológicas e emocionais por que passam crianças vítimas de abuso sexual, uma vez que estas são as duas áreas que mais afetam o seu desenvolvimento a curto, médio e longo prazo.

Desde logo, as crianças que experienciam situações de abuso sexual podem, a nível psicológico, exibir transtornos psicopatológicos, tais como síndrome de stress pós-traumático, depressão, dissociação, défice de atenção, hiperatividade, transtornos psicossomáticos, transtornos alimentares, comportamento delinquente, abuso de substâncias, redução do rendimento escolar, baixa autoestima, desenvolvimento de uma “sexualização traumática”, entre outros (Borges & Dell’Aglío, 2008; Kendall-Tackett, Williams & Finkelhor, 1993; Magalhães, 2010;).

A nível emocional, o medo, a angústia, a raiva, manifestações de instabilidade afetiva e perturbações de humor, são o que caracterizam as emoções de crianças abusadas sexualmente (Kendall-Tackett, Williams & Finkelhor, 1993).

De acordo com diversos autores, a gravidade das consequências do abuso sexual na infância depende de inúmeros fatores, entre eles o tipo de vitimização, a precocidade do início do abuso, a relação de proximidade entre a vítima e o abusador, experiências anteriores de vitimização, tentativas de revelação mal sucedidas, forte adesão a crenças disfuncionais ou a mitos relacionados com o abuso, ausência de figuras de vinculação alternativas, ausência de suporte das redes formais de apoio e vitimização secundária (Magalhães, 2010). É possível assim inferir, como diz Ribeiro, referido por Magalhães (2010) que o impacto traumático numa situação de abuso sexual está relacionado com determinados fatores tais como as características da criança, a própria situação e o meio onde a criança está inserida.

Como já foi referido ao longo do trabalho, o abuso sexual é definido por qualquer prática sexual que implique crianças. Uma avaliação médica completa a uma criança que pode ter sido vítima de abuso sexual, obriga a um conjunto específico de competências e conhecimentos. Assim, aquando da existência de suspeita de abuso sexual, deve imediatamente proporcionar-se à criança uma avaliação médica adequada (Adams et.al., 2007). Segundo Adams e colaboradores (2007), numa publicação da “Comissão para o

Abuso e Negligência da Academia Americana de Pediatria”, foi realizado um relatório clínico acerca da avaliação de abuso sexual de crianças, que revisa a definição e apresentação do abuso sexual infantil e oferece determinadas sugestões para a compreensão da história da criança e cuidadores, concretização do exame físico, bem como de amostras laboratoriais. A mesma publicação apresenta normas respeitantes à tomada de decisão de denunciar os casos suspeitos de abuso sexual a serviços de promoção e proteção à criança, acompanhamento e questões legais envolvidas.

Ainda segundo Adams e colaboradores (2007), vários estudos têm mostrado que somente uma pequena percentagem de crianças examinadas por suspeita de abuso sexual apresentam sinais de lesão genital ou anal depois de efetuados os devidos exames. As razões mais comumente apresentadas para a inexistência de dano são, a natureza do contato físico (toque, carícias, contato oral-genital), o contato/ penetração de tecidos que são naturalmente elásticos e o facto de o contacto ter resultado em lesões que desapareceram com o passar do tempo.

Os crimes diferenciam-se pela sua natureza, podendo ser públicos, semipúblicos ou particulares (Silva, 2010). O abuso sexual infantil é um crime público, desta forma, apenas o conhecimento da notícia do crime é suficiente, para que o Ministério Público, sempre tendo em conta o superior interesse da criança, pratique a ação penal, independentemente de qualquer demonstração contrária por parte da vítima (Silva, 2010). Como tal, a denúncia destes crimes é obrigatória, devendo-se comunicar sempre todas as ocorrências.

No Código Penal Português (CP), os crimes sexuais encontram-se divididos em dois grupos: Crimes contra a liberdade sexual (artigo 163º a 170º) e crimes contra a autodeterminação sexual (artigo 171º a 176º). A agressão sexual infantil insere-se no segundo grupo.

Em suma, o abuso sexual infantil faz parte da realidade dos dias de hoje, e torna-se importante saber que são milhares as crianças que passam por esta situação, mesmo que muitas vezes esteja escondida. Assim, deve haver uma maior consciencialização para este problema, que não é tão visível como gostaríamos e ao qual se aliam outros maus-tratos. Deste modo, cabe a todos terem a sensibilidade necessária para encarar o abuso sexual como uma situação assustadoramente complicada e desafiadora.

2. A narrativa como construção de significados

2.1. Abordagem narrativa na psicologia

Nas últimas décadas, tem sido cada vez maior o interesse sobre as histórias de vida, como forma de promover a coerência e o conhecimento que o ser humano constrói acerca do que lhe acontece e do mundo (Gonçalves, 2000).

Bruner, em 1986, (Bruner, 2002) diferencia dois tipos de “pensamento”: o pensamento paradigmático e o pensamento narrativo. Estes dois modos de funcionamento cognitivo produzem realidades, organizando a experiência de formas distintas. O pensamento paradigmático tenta esclarecer de forma objetiva os fenómenos, apoiando-se na relação de causa-efeito. Por outro lado, o pensamento narrativo procura explicar de que forma o ser humano se comporta nas mais diversas situações, a partir da elaboração de significações. Assim, no pensamento narrativo as histórias de vida que são produzidas esboçam descrições de ações humanas em contextos de experiência, que unidos produzem conhecimento (Bruner, 2002). Deste modo, a narrativa consiste em organizar a experiência de vida e construir um sentido para a mesma, através de histórias de vida que descrevem o passado, elucidam sobre o presente e possibilitam planear o futuro, permitindo assim, explicar o impacto do que aconteceu, do que se sentiu e dar um significado ao mundo e ao próprio ser humano (Ribeiro, 2009).

O Homem ao contar as suas histórias, pensamentos, sentimentos e a forma como experiencia determinados acontecimentos, está a construir sucessivamente novas narrativas e significados, construindo assim novas realidades (Ribeiro, 2009). Da mesma forma, ao sermos ouvintes destas narrativas contactamos com novas experiências e realidades, tal como novos significados. Assim, organizar as nossas experiências em histórias, torna-se essencial para comunicar com os outros e connosco próprios, implicando o uso de um padrão de coerência. Posto isto, a linguagem aparece como um processo central na construção da realidade, sendo através dela que produzimos as nossas experiências pessoais e o conhecimento do mundo sob a forma de narrativas (Gonçalves, 2000). Ainda assim, o carácter significador da linguagem não é um facto isolado no próprio indivíduo, mas sim inserido num contexto social (Gonçalves, 2000).

A narrativa possibilita ao ser humano compreender as histórias contadas, construindo desta forma um conhecimento sobre si e o mundo que o rodeia, possibilitando a reconstrução da experiência reflexionando sobre o experienciado e dando sentido ao sucedido (Antunes, 2005).

Note-se que, ao longo do tempo, várias significações têm sido propostas por diversos autores, num esforço de caracterizar a narrativa. Assim, Gonçalves (2000) considera sete elementos que traduzem a melhor definição de uma narrativa: a natureza analógica, temporal, contextual, gestáltica, significadora, cultural e criativa.

A natureza analógica da narrativa assenta na ideia de que a realidade não é o que existe, mas o que acontece enquanto processo experiencial (Gonçalves 2000). A natureza temporal da narrativa confere uma ordem temporal aos acontecimentos, de forma a permitir ao ser humano organizar os processos de construção de significados, fundamentais para a elaboração da experiência (Polkinghorne, 1988). Por sua vez, a natureza contextual da narrativa pressupõe que todo o conhecimento é situado num contexto (Gonçalves, 2000). A natureza gestáltica da narrativa diz respeito ao estabelecimento de ligações entre os espaços, os tempos e os estímulos sensoriais externos e internos nos quais a experiência ocorre, que conduzem à coerência numa totalidade significadora. A natureza significadora da narrativa possibilita ao ser humano a organização da diversidade da experiência em diversos significados, constituindo-se como um modo de dar sentido à experiência. A natureza cultural da narrativa centra a narrativa como uma produção discursiva de natureza interpessoal e localizada culturalmente, sendo influenciada e deixando-se influenciar por essa mesma cultura, possibilitando assim a partilha e reconstrução das diferentes narrativas pessoais. Por último, na natureza criativa da narrativa o indivíduo surge como construtor da experiência, possibilitando a transformação da realidade e criação de múltiplas experiências e significações (Gonçalves, 2000).

As narrativas, tal como já foi referido, aparecem como instrumentos fundamentais na construção e partilha dos conhecimentos que o indivíduo tem de si e do mundo (Teixeira, 2014).

Gonçalves (2000) propõe um modelo para análise da matriz narrativa que resulta no processo de criação e organização de significados sobre a experiência. A matriz abrange três grandes dimensões: a estrutura, o processo e o conteúdo narrativo, que compreendem respetivamente a coerência, complexidade e diversidade da construção de conhecimento.

A coerência estrutural narrativa diz respeito à forma como os indivíduos organizam, articulam e estabelecem ligações entre os distintos elementos de uma narrativa, de forma a atribuir-lhes um sentido (Antunes, 2009). Esta engloba tanto, acontecimentos específicos e localizados no tempo (micronarrativas), como o conjunto de experiências que fazem parte da sua história de vida (macronarrativas). A construção da estrada da vida e dos diferentes ensaios que a compõem, envolve a criação de um sentido de coerência (Antunes, 2009).

Quanto mais organizada e completa for a narrativa, mais lógica se torna a interpretação destes ensaios.

A investigação desenvolvida por diversos autores tem revelado que a saúde física e mental e o bem-estar psicológico têm uma associação positiva com a coerência narrativa, considerando desta forma que a dificuldade em produzir uma narrativa bem estruturada e coerente, assim como a dificuldade em contar uma única experiência ou a história de vida, surge como indicador de uma produção discursiva patológica (Gonçalves, Korman & Angus, 2000).

Para que o ser humano consiga alcançar um sentido de autoria e identidade coerente, torna-se necessário uma organização das narrativas diárias, assim como das narrativas de vida (Gonçalves, 2000). Quando se fala em crianças, esta não deixa de ser uma máxima, uma vez que a elaboração de narrativas diárias ou de vida, permite-lhes concederem um significado às suas vivências, enquadrarem as diversas experiências e construir significados sobre o funcionamento do mundo que as rodeia (Teixeira, 2014). A competência para partilhar narrativas de vida coerentes, aparece gradualmente ao longo do crescimento das crianças, assim para estas conseguirem relatar histórias com qualidade devem ter cientes os conceitos de temporalidade, causalidade e teoria da mente (Stadler e Ward, 2005).

O processo narrativo é a tentativa de dar significado ao mundo e à mente nos seus diferentes estados, ou seja, corresponde aos recursos estilísticos pelos quais o ser humano explora e diferencia a sua experiência sensorial, emocional, cognitiva e de significações resultantes da experiência e que permitem a construção de uma narrativa complexa e diversa (Gonçalves, 2000).

O conteúdo narrativo contempla a diversidade de personagens, acontecimentos e contextos existentes na narrativa do ser humano (Ribeiro, 2009). É através da diversidade narrativa de exploração de novas significações, que o ser humano flexibiliza a sua construção narrativa e acede a uma existência mais criativa e adaptada. Tal como nas anteriores dimensões, também uma narrativa pouco variada a nível de conteúdo associa-se a uma inabilidade para desenvolver uma leitura da experiência de forma variada (Gonçalves, 2000).

Deste modo, é importante que o indivíduo construa as suas próprias significações, partindo das experiências que vai vivendo, para que se desenvolva de forma adaptativa, sendo capaz de se organizar a si próprio e à sua experiência em torno de narrativas coerentes, complexas e diversificadas (Ribeiro, 2009).

Nas narrativas de vida e autobiográficas, o narrador torna-se o protagonista da história, seleccionando apenas os acontecimentos emocionalmente mais relevantes para

contar (Freitas, 2005). Por conseguinte, as narrativas aparecem como forma de elaborar a experiência e produzir, de certa maneira, um sentido para a sua vivência (Teixeira, 2014). Deste modo, através da análise das histórias autobiográficas narradas, seria mais fácil entender a pessoa e as suas ações, uma vez que tomaríamos conhecimento de quais as significações a que apela para construir as suas experiências (Teixeira, 2014).

As narrativas autobiográficas podem ser a forma mais coerente de descrever uma pessoa. Quando nos referimos a história de vida, estamos a falar do que realmente aconteceu no percurso de vida de um indivíduo, podendo ser recordado através de uma retrospectiva (Teixeira, 2014). O termo histórias de vida pode ser considerado como uma autobiografia seletiva das experiências do sujeito, atribuindo-lhe identidade e propósito quando este concedeu significado aos seus acontecimentos de vida (Teixeira, 2014).

As narrativas autobiográficas podem apresentar-se como histórias com acontecimentos de vida específicos ou histórias com acontecimentos de vida articulados (Habermas, Ehlert-Lerche & Silveira, 2009). Assim, quando a narrativa é alusiva a um acontecimento referente a um espaço e tempo específicos da vida de um indivíduo, é designada de narrativa autobiográfica simples, por sua vez, se a narrativa se referir a histórias que combinam vários acontecimentos de vida num só, é denominada narrativa de vida.

As narrativas de vida requerem, assim, que a maturação das capacidades mnésicas, a aquisição de construções linguísticas complexas, as competências de compreensão e produção narrativa, a noção de temporalidade, bem como a capacidade do indivíduo se compreender a ele próprio e aos outros estejam bem desenvolvidas, uma vez que, para a construção completa destas narrativas, é necessário coerência ao longo das diversas histórias contadas, de forma a proporcionar sentido de identidade (Gonçalves, 2000; Teixeira, 2014). Deste modo, pode-se inferir que a capacidade de partilhar as nossas histórias com os outros e connosco próprios surge progressivamente ao longo da idade pré-escolar através de interações com pares e aquisição de novos conhecimentos, tornando-se as crianças gradualmente melhores narradoras com a idade (Nelson & Fivush, 2004).

Por volta dos três anos de idade, as crianças já detêm competência para contar as suas experiências passadas, ainda que de forma básica, mostrando conhecimento das sequências típicas dos acontecimentos que lhe são familiares, mesmo que não o consigam expressar da melhor forma por dificuldades comunicativas. Aos quatro anos, as crianças começam a usar a estrutura sequencial nas suas histórias, explicitando mais aspetos contextuais (Teixeira, 2014). A partir dos seis anos o uso da estrutura sequencial torna-se mais flexível, sendo que nesta idade as crianças já dispõem de conhecimentos e aptidões essenciais à produção de

narrativas estruturadas e completas (Ribeiro, 2009; Teixeira, 2014). Contudo as crianças nestas faixas etárias apresentam ainda alguma dificuldade na elaboração de narrativas, produzindo ainda narrativas de vida imaturas e incompletas, dependendo muito do adulto como andaime, sendo por isso inicialmente esta tarefa facilitada através de pistas fornecidas pelas figuras parentais ou outras que as estejam a guiar. Por volta dos dez/onze anos de idade, as crianças devem ser capazes de construir narrativas de vida mais complexas e de forma autónoma, sem ajuda de suporte, acrescentando pormenores que uma criança mais nova não seria capaz, tornando-se assim melhores “*contadores de histórias*” (Teixeira, 2014, p.7). Torna-se aqui, importante referir que as crianças têm a capacidade de reter as suas memórias por um período superior a cinco anos, permitindo-lhes assim lembrarem-se de detalhes do seu passado, mesmo que longes no tempo (Nelson & Fivush, 2004).

Por esta razão, pode-se inferir que a complexificação da narrativa ao longo do tempo reflete o desenvolvimento do conhecimento das crianças sobre a experiência e o mundo que a rodeia (Ribeiro, 2009).

Tal como já foi referido, a forma como cada um narra as suas histórias de vida tem por base experiências mais ou menos adversas que influenciam a construção das suas significações. Contudo, existem acontecimentos de natureza traumática que tornam difícil a concretização desta tarefa por parte do indivíduo. As narrativas de vida contadas por crianças com percursos de vida típicos e atípicos (que experienciam acontecimentos de vida adversos) têm vindo a ser investigadas de modo individual. Assim, nas narrativas de vida de crianças com percursos de vida típicos, a investigação foca-se na influência do desenvolvimento na capacidade de elaborar uma narrativa. No que respeita a crianças com percursos de vida atípicos, os estudos centram-se na capacidade que estas têm para incluir as experiências traumáticas na sua narrativa de vida (Teixeira, 2014).

Os eventos traumáticos e adversos que poderão aparecer no decorrer da vida da criança podem de certa forma ter influência no modo como estas perspetivam e contam a sua história de vida, pois a natureza *stressante*, desestruturante e negativa destas experiências vão traduzir-se em memórias traumáticas que vão influenciar a forma como as crianças compreendem o presente e irão construir o futuro. Assim, é importante referir que quando as crianças compreendem o passado como inexplicável e desorganizado, torna-se difícil de organizar a narrativa de vida para que faça sentido (Saraiva, 2010). Contudo, a possibilidade das crianças contarem as suas memórias traumáticas verbalmente poderá ser útil para compreenderem a sua história de vida, uma vez que as integra nestes relatos e permite criarem significado acerca das suas experiências (Teixeira, 2014).

Nas crianças com percurso de vida atípico, Sani (2003) investiga narrativas de vida simples de crianças que vivenciaram situações de maus-tratos, onde verifica que quando estas contam a sua história de violência, utilizam termos como responsabilização, controlo, competência, insegurança, ilegitimidade e gravidade. Assim, a autora constatou que as significações que as crianças atribuem aos maus-tratos revelam a existência de experiências múltiplas deste acontecimento, adquirindo um impacto negativo nestas crianças, principalmente a nível psicológico.

Num outro estudo de Fivush, Hazzard, Sales, Sarfati e Brown (2003), referente a eventos positivos e negativos em crianças residentes em comunidades violentas, foi possível verificar que estas eram capazes de relatar as suas histórias negativas ou positivas com qualidade e coerência, ainda que de forma diferenciada. Assim, as crianças narravam as suas histórias negativas com maior coerência, apelando às emoções e nas positivas descreviam os acontecimentos com maior detalhe incluindo pessoas e objetos. Os autores concluíram que o facto de as crianças narrarem de forma mais coerente, focando-se nas suas emoções e cognições, os acontecimentos emocionalmente negativos, tem a ver com o facto de estes episódios serem desestruturados, difíceis de compreender e de integrar. Desta forma a criança precisa de arranjar maneira de criar um sentido para as suas experiências, o que a leva a elaborá-las.

2.2. Narrativas de abuso sexual

No que respeita as narrativas de vítimas de abuso sexual, Klein e Janoff-Bulman (1996), compararam as narrativas de adolescentes que foram sexualmente abusados na infância com um grupo de controlo. Tanto as vítimas de abuso sexual como o grupo de controlo escreveram a sua história de vida, e posteriormente os investigadores analisaram as narrativas de acordo com o enfoque colocado pelos dois grupos no passado versus presente e futuro; e na aplicação dos pronomes na primeira pessoa versus na terceira pessoa. Deste modo, os autores verificaram que as narrativas das vítimas abusadas sexualmente eram mais extensas, do que as do grupo de controlo, referiam-se mais a terceiros (do que a eles próprios) e centravam-se mais no passado. Contudo para terem a certeza que estes resultados eram específicos do grupo de adolescentes vítimas de abuso sexual, os autores replicaram o estudo com uma amostra de jovens adultos que vivenciaram divórcio parental. Verificaram que ambos os grupos - jovens abusados sexualmente e jovens que vivenciaram divórcio parental - escreviam narrativas mais longas e mais focadas no passado, sendo que apenas no primeiro grupo se faziam mais referências a terceiros que ao próprio. Klein e Janoff-Bulman (1996)

concluem assim, que a narrativa de vida de jovens vítimas de abuso sexual é melhor percebida pela descrição e ações dos seus abusadores, sendo que o próprio indivíduo pouco ou nada significa na sua própria história, sugerindo que a vitimização continua a ser uma constante na sua vida.

Um outro estudo realizado neste âmbito, foi o de Fivush e Edwards (2004), em que os autores analisaram as narrativas de abuso sexual de doze mulheres que tinham experienciado este mau-trato durante a sua infância por parte um membro da sua família. O objetivo foi entender o que era referido por estas mulheres nas suas narrativas, ou seja, que lembranças mantinham do que lhes acontecera e o que haviam esquecido dessas experiências. Os autores verificaram que das doze mulheres, nove tinham tentado ativamente esquecer as experiências pelas quais passaram, apesar disso oito ainda tinham –lembranças muito presentes e recorrentes do abuso sexual. Concluíram então, que as mulheres que mostravam ter memórias contínuas do abuso sexual, apresentavam narrativas mais longas e mais coerentes do que as mulheres que tinham tentado esquecer a experiência.

II - Estudo Empírico

1. Método

1.1. Introdução

A partir da exploração de literatura atrás apresentada, verificamos que tem sido mais frequentemente estudadas narrativas auto-biográfica singulares sobre os de maus-tratos do que narrativas de vida em que se possa identificar a prevalência de diferentes temáticas. O estudo que as contempla foi entretanto com adultos e não aprofundou os temas abordados. Os principais resultados desses trabalhos vão sugerindo, que a maioria das mulheres do grupo estudado tentava não se recordar dessas experiências de mau-trato, que quando as narrativas são relatas se assiste a uma maior elaboração das narrativas relacionadas com experiências traumáticas e que há tendência para se manter um discurso de vitimização. Paralelamente, cruza-se nesta reflexão o pressuposto do modelo cognitivo-narrativo (Gonçalves, 2000) segundo o qual as narrativas se podem tornar severamente problemáticas, quando apresentam uma fraca diversidade de conteúdo (tornando-se monotemáticas, com poucos personagens, poucos ações e poucos cenários de vida) e se tornam saturadas por um tema vitimizador ou, talvez noutros casos, em temas rígidos que facilitem o esquecimento das experiências maltratantes. Fica então em aberto a necessidade de melhor compreender esta relação entre a tendência para um maior desenvolvimento das narrativas de maus tratos e a existência ou não de diversidades narrativa, assim como explorar como tudo isto se processa em narrativas de vida de crianças mais novas.

Neste sentido, elegeu-se para o presente trabalho a análise de narrativas de vida de um grupo de crianças a viver em acolhimento residencial e que sofreram diversos tipos de maus-tratos.

O principal objetivo deste estudo é explorar em que medida as narrativas de vida de crianças maltratadas incluem o próprio mau-trato, bem como, se ao o incluir também surgem outros temas ou se ficam apenas focadas nessas situações. Pretende-se ainda compreender de que modo as crianças que vivenciaram situações maltratantes, narram estas experiências nas suas histórias de vida, através da análise dos temas evidenciados pelas crianças no decurso dos seus relatos autobiográficos.

Tendo em consideração os objetivos referidos e os aspetos teoricamente considerados, foram definidos quatro objetivos específicos para esta investigação: (1)

mapear os conteúdos temáticos das narrativas de vida das crianças que sofreram maus-tratos; (2) identificar a referência a maus-tratos nas narrativas de vida de crianças a viver em acolhimento residencial; (3) analisar o discurso espontâneo relativo aos maus-tratos, na narrativa de vida, com vista a identificar aspetos da descrição do acontecimento e do impacto emocional da experiência; (4) explorar a existência de relações entre a elaboração da narrativa dos maus-tratos e o tipo de mau-trato experienciado pela criança, nomeadamente eventuais especificidades discursivas das crianças que sofreram abuso sexual.

No presente estudo, tendo em conta os objetivos de investigação optou-se por realizar uma investigação qualitativa de carácter exploratório, focada numa análise de conteúdo de narrativas de vida.

Numa abordagem qualitativa, a realidade é formada a partir do quadro referencial dos próprios sujeitos do estudo, e é o investigador que tem como objetivo perceber o significado da ação humana e não somente explicar os comportamentos. Esta abordagem tem em vista a articulação do investigador com a realidade que estuda, na medida em que vai permitir que a construção teórica se vá organizando, a partir do terreno enquanto os dados empíricos vão surgindo, optando por métodos qualitativos (Tuckman, 2002).

1.2. Participantes

Neste estudo participaram 16 crianças do sexo feminino, todas a viver em acolhimento residencial e provenientes de instituições do grande Porto. A amostra deste estudo foi identificada por conveniência tendo por base protocolos/contactos pré-existentes e relações de proximidade com as instituições.

Os participantes têm idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos ($M= 9,25$; $DP= 1,06$) e apresentam um tempo médio de institucionalização de 34 meses, variando entre um mínimo de 5 e um máximo de 122 meses. A idade média aquando da institucionalização atual foi de 7,07 anos ($DP=2,52$).

1.2.1. Critérios de inclusão na amostra

As crianças terem um passado marcado por experiências de maus-tratos físicos, psicológicos, abuso sexual, negligência ou qualquer combinação dos anteriores.

A escolha das idades teve como principal critério aproximar-se o máximo possível da idade das crianças cujo processo referia que foram abusadas sexualmente, com o objetivo de obter narrativas de vida dentro do mesmo nível desenvolvimental.

Assim optou-se por analisar crianças entre os 8 e os 11 anos, uma vez que crianças com idades abaixo dos 8 anos tendem a produzir narrativas mais curtas e menos elaboradas e têm uma maior dependência do adulto para a produção da sua história; em contraste, crianças com idades superiores a 11 anos tendem a produzir narrativas de vida mais aproximadas à de adolescentes, acrescentando articulações e adquirindo uma coerência à sua história de vida, que uma criança mais nova não teria capacidade para o fazer (Habermas, 2009). Optou-se por não incluir participantes do sexo masculino, uma vez que os casos disponíveis sinalizados como tendo sofrido abuso sexual, correspondiam a crianças do sexo feminino, aliás concordante com a tendência epidemiológica deste fenómeno. Deste modo, optou-se por analisar apenas narrativas de vida de crianças do sexo feminino para assegurar uma maior comparabilidade entre as narrativas das crianças que sofreram abuso sexual com as que sofreram outros tipos de mau-trato

1.3. Instrumentos

Este estudo partiu de dados previamente recolhidos pela equipa de investigação, de acordo com um protocolo com dois instrumentos, a seguir brevemente referidos:

1.3.1. Ficha de Identificação da Criança e do Percurso de Vida (Henriques, Ribeiro & Saraiva, 2009)

Este instrumento tem como objetivo recolher informação sociodemográfica respeitante a cada criança e ao seu percurso de vida, especificamente quanto ao tipo de mau-trato associado à sua institucionalização.

1.3.2. Entrevista das narrativas de vida com crianças (Henriques, Ribeiro & Saraiva, 2009)

Este instrumento compreende numa entrevista semiestruturada que tem como objetivo a exploração da forma como as crianças produzem as suas narrativas de vida e está dividida em três partes: (1) questão aberta para relato espontâneo da narrativa de vida; (2) organização da narrativa de vida em capítulos; (3) narrativa de vida guiada através de uma linha do tempo, onde a criança vai narrando a sua autobiografia, com o suporte de questões colocadas pelo adulto.

1.4.Procedimentos

1.4.1. Procedimento de recolha de dados

O processo de recolha de dados seguiu os trâmites previstos de acordo com os princípios éticos da investigação em psicologia, o que naturalmente incluiu o a assinatura de consentimentos por parte dos responsáveis pela criança, bem como, a aceitação da criança para participar. As fichas foram preenchidas pelo investigador a partir de informação prestada pelo responsável da criança na instituição e as entrevistas foram áudio-gravadas.

1.4.2. Procedimento de análise de dados

Para a análise dos dados recolhidos, as entrevistas foram transcritas na íntegra, seguindo um manual de transcrição preparado para o efeito (tendo a autora deste estudo iniciado nesta fase o seu trabalho de campo) e posteriormente sujeitas a duas análises de conteúdo. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo integra várias técnicas onde se procura expor o conteúdo emitido no processo de comunicação, sendo composta por procedimentos sistemáticos e objetivos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não), possibilitando que haja inferências de conhecimentos. Nas análises desenvolvidas e a seguir apresentadas, privilegiou-se uma abordagem dedutiva, uma vez que se seguiram sistema de categorias prévios à análise detalhada das narrativas. Na abordagem dedutiva, segundo Bardin (2011), o investigador não pode “ouvir” literalmente as mensagens, mas tem que as compreender muito para além do que é contado, tem de se rodear de outros ambientes e analisar para além da escrita. Assim, segundo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) a análise de conteúdo torna possível um modelo de entendimento e compreensão profunda acerca do objeto em estudo.

Numa primeira etapa, procedeu-se à análise de conteúdo temático de cada uma narrativas de vida, para investigar de que forma surgiam espontaneamente relatos de experiências de maus tratos, assim como, a quais os outros temas abordados, tendo sido utilizado um *Manual de Análise Temática de Narrativas* (Teixeira, Silva e Henriques, no prelo), pré-existente na equipa. A criação deste manual seguiu o método de análise da *Grounded Theory*. e conta com um total de 42 temas que emergiram em narrativas de vida produzidas por crianças entre os seis e os doze anos. O Manual prevê que sempre que se identifica uma mudança de conteúdo, é criada uma nova unidade temática, permitindo desta forma explorar o núcleo de sentidos que integram o discurso da criança. Num momento seguinte, para melhor compreender os temas narrados pelas crianças nas suas narrativas de

vida, procedeu-se a uma classificação destes em macro-categorias. Esta análise de conteúdo permitiu contabilizar o número de vezes que cada tema emergiu nas narrativas de vida, com o objetivo de saber quais os temas que recebiam maior destaque por parte das crianças.

Numa segunda etapa, de forma a investigar o segundo objetivo geral de como são abordados as experiências de maus-tratos, a análise de conteúdo foi conduzida por um sistema de categorias criado previamente para sistematizar indicadores de relevo sobre o que foi relatado acerca dessas vivências, ao longo de toda a narrativa. A partir desses conteúdos o investigador produziu uma narrativa para cada um dos casos com vista a apresentar de forma sistematizada a informação obtida. A análise das categorias temáticas foram realizadas pela investigadora e validadas por um segundo juiz.

2. Resultados

Tendo em conta os objetivos e respetivos procedimentos de análise, os resultados serão apresentados em duas grandes etapas: (1) Numa primeira etapa, vão ser apresentados os resultados sobre as 16 narrativas de vida, quanto aos temas que surgiram no discurso das crianças; (2) numa segunda etapa, irão ser apresentadas os resultados das 6 narrativas de vida, onde foi identificado o tema dos maus-tratos, com vista a analisar em detalhe o conteúdo referido a este respeito.

2.1. Análise Temática das Narrativas de Vida e emergência da referência a maus tratos

A partir da análise temática das narrativas de vida emergiram 38 temas, referenciados no Manual de Análise Temática, tendo cada um uma frequência variada, de acordo com o que se pode observar na tabela 1.

Tabela 1. Total de temas (38) identificados nas narrativas de vida das crianças, (N=16), ordenados por frequência decrescente.

Categorias temáticas	Frequência da categoria	Percentagem
Escola	16	100%
Institucionalização	15	93,75%

Família biológica após institucionalização	14	87,5%
Dinâmicas familiares	13	81,25%
Nascimento	13	81,25%
Brincadeiras	13	81,25%
Jardim-de-infância	13	81,25%
Amigos	12	75%
Mudança jardim-de-infância/escola	12	75%
Educador/professor	11	68,75%
Irmãos	11	68,75%
Mudanças de casa	9	56,25%
Acontecimentos com a família	8	50%
Mudanças de agregado familiar	8	50%
Férias/Viagens	7	43,75%
Presentes	7	43,75%
Animais	7	43,75%
Maus-tratos	6	37,5%
Festas	6	37,5%
Alimentação	6	37,5%
Vida na instituição	6	37,5%
Conflitos com pares	5	31,25%

Sistema Judicial	5	31,25%
Morte	5	31,25%
Problemas de saúde	5	31,25%
Alteração do projeto de vida	5	31,25%
Nascimento dos irmãos	4	25%
Separação dos pais	4	25%
Acidentes	4	25%
Álcool e drogas	4	25%
Conflitos entre familiares	3	18,75%
Atividades lúdicas	3	18,75%
Religião	2	12,5%
Aquisições desenvolvimentais	1	6,25%
Profissão dos pais	1	6,25%
Ama	1	6,25%
Centro de estudos/ATL	1	6,25%
Família de afeto	1	6,25%

NOTA: A negro os temas considerados específicos da situação de vida destas crianças.

Na leitura da tabela verifica-se que dos 38 há 8 temas que são referido por mais de metade das crianças. O total dos participantes, 16 (100%) referem na sua história de vida, o tema *Escola*, 15 (93,75%) crianças relatam o tema *Institucionalização* e 14 (87,5%) mencionam o tema *Família biológica após institucionalização*. No que diz respeito aos temas *Dinâmicas familiares*, *Nascimento*, *Brincadeiras* e *Jardim-de-infância* 13 (81,25%) crianças falaram destes temas nas suas narrativas e 12 (75%) crianças narram os temas

Amigos e Mudança de jardim-de-infância/escola. Relativamente aos temas *Educador/professor e Irmãos* 11 (68,75%) participantes incluem estes temas nas suas narrativas, sendo que apenas 9 (56,25%) referem *Mudanças de casa*. Nos temas *Acontecimentos com a família e Mudanças de agregado familiar*, são 8 (50%) as crianças que envolvem estes temas nas suas narrativas de vida.

Foi possível observar ainda que um conjunto de temas, mesmo que de grande pertinência, é referido apenas por um pequeno grupo de crianças. Apenas 3 (18,75%) crianças contam *Conflitos entre familiares*, assim como, *Atividades lúdicas* nas suas narrativas de vida, o tema *Religião* é referido apenas por 2 (12,5%) crianças e os temas *Aquisições desenvolvimentais*, *Profissão dos pais*, *Ama*, *Centro de estudos/ATL e Família de afeto* são mencionados unicamente por 1 (6,25%) criança na sua narrativa de vida.

Como se pode verificar o tema dos maus-tratos não é dos mais referidos pelas crianças, nem é dos temas mais raramente mencionados, tendo emergido nas narrativas de vida de 6 (37,5%) crianças.

Para uma análise mais aprofundada dos temas referidos pelas crianças nas suas narrativas de vida, num momento seguinte procedeu-se à seleção de excertos do discurso das crianças que melhor ilustram cada uma das categorias temáticas e à classificação das 38 categorias em 7 macro-categorias temáticas: (1) *Família*; (2) *Escola e outros contextos de socialização*; (3) *Maus-tratos, instituição, família de afeto e visitas*; (4) *Brincadeiras e relação com pares e amigos*; (5) *Acidentes, problemas de saúde e morte*; (6) *Festas e férias*; (7) *Outros*.

Serão apresentadas de seguida tabelas relativas a cada macro-categoria com a designação dos temas que a compõem e exemplos de excertos da narrativa de vida, em que “p” de participante designa o número do participante.

Tabela 2. Apresentação dos temas e respetivos exemplos do discurso da criança, integrados na macro-categoria ***Família*** (10 temas).

Temas	Exemplos – excertos das narrativas de vida
Dinâmicas familiares (n=13)	“A nossa casa tinha um sofá, castanho, nós tínhamos” p12; “Era a minha mãe! E mais ninguém. Era a minha mãe” p10; “Com a minha mãe, o meu pai não sei, com a minha mãe e com os meus irmãos, com o meu pai não sei, prontos.” p13;

Nascimento (n=13)	“Quando eu nasci eu era para ir para a Maternidade e então nós íamos para lá, a ambulância ia com pressa, ia para a maternidade...”, “Depois uma senhora viu, e chamou a ambulância e nós fomos para o Hospital S. João.” p2; “... ninguém me contou como é que foi o meu nascimento, só sei que a minha mãe teve perigo de morte comigo” p10;
Acontecimentos com a família (n=8)	“... mãe ia-me buscar” p3; “Quando a minha mãe me dava banho, eu chapinava-lhe a água toda e a minha mãe dizia para eu parar quieta” p9; “Eu e a minha mãe brincávamos às contas lá” p15
Irmãos (n=11)	“Chama-se Anália” p16; “Acordava eu e tinha que lhes por a chupeta!” p3; “Quando eu tava em casa, tava lá a brincar com o meu irmão, no quarto” p1
Mudanças de agregado familiar (n=8)	“Em casa da minha avó” p14; “Depois tive alguns tempos com o meu irmão em casa da minha avó.” p1; “Sim, com a minha avó...” p4
Nascimento dos irmãos (n=4)	“Aqui foi quando nasceu a minha irmã...” p2; “Nasceu o Dt” p3;
Conflitos entre familiares (n=3)	“A minha mãe é que tá chateada com ela.” p1; “Porque o pai batia à mãe...” p3; “Às vezes chateavam-se...chatearam-se muitas vezes...” p8
Separação dos pais (n=4)	“Depois o pai separou-se dela, e a mãe ficou, foi arranjar outro namorado. É o Zé. Desde esse dia” p12; “Ele depois na parte da separação, eu fui separada dos meus pais” p2; “O meu pai e a minha mãe já estavam separados...” p5
Mudanças de casa (n=9)	“... mudei de casa porque estava a andar no voador e caí pelas escadas abaixo...” p9; “...porque fui para Coimbra...” p4; “E depois estava numa casa e fui para a outra.” p11
Profissão dos pais (n=1)	“O meu pai não consegue arranjar emprego de jeito...” p10;

Nesta macro-categoria *Família*, encontram-se os temas pelos quais todas as crianças começaram a contar as suas histórias de vida. Numa primeira abordagem a estes temas, as crianças tendem a descrever os momentos que passaram com a família, o que relembram deles, o que aconteceu de bom e de mau, em relação à mudança de casa e à mudança de agregado familiar referem o novo sítio para onde foram, o porquê de terem de se mudar e com quem passaram a viver.

Tabela 3. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria *Escola e outros contextos de socialização* (7 temas).

Temas	Exemplos – excertos das narrativas de vida
Escola (n=16)	“Na escola de Avintes.” p3; “E vou fazer as provas de aferição” p16; “...só que eu cheguei ao 4º ano e não percebia nada da matéria.” p9; “Era escola da Gandra” p1
Educador/professor (n=11)	“Cristina” p16; “A professora disse que eu estava muito bem.” p9; “É a professora Aurora, professora Aurora no segundo ano.” p1
Jardim-de-infância (n=13)	“Isto foi quando fui para... para o jardim de infância” p16; “Depois aos 4 e meio, eu fui para o infantário deles” p10; “Na pré havia meninos de que eu não gostava” p9;
Mudança de jardim-de-infância/escola (n=12)	“Nessa altura eu já estava noutra escola, na escola do Falcão, até ao segundo ano.” p8; “E...fui pra outra escola e agora tou no 5º ano...” p10; “Depois no terceiro ano fui para S.Mamede, no quarto ano D. António Aroso” p15
Religião (n=2)	“Foi no meu batizado, ou lá o que é que foi, como é que se chama.” p13; “...ando na catequese, mais nada” p15
Ama (n=1)	“E ainda me lembro que o meu pai tinha pedido à minha ama para eu ficar lá e a minha ama dizia que estava bem e que tomava conta de mim e então os meus pais iam lá todos os dias levar-me, enquanto a minha mãe ia trabalhar. Depois eu fiz anos e a minha ama fazia sempre uma festa quando nós fazíamos anos.” p9
Centro de estudos/ATL (n=1)	“ATL escolar” p14;

Os temas foram agrupados na macro-categoria *Escola e outros contextos de socialização*, pois centra-se na análise de contextos que permitem e ajudam ao desenvolvimento da criança. É de importância referir que o total dos participantes refere o tema escola nas suas narrativas. As crianças aqui fazem alusão aos seus professores, o local da escola, o ano de escolaridade, as disciplinas preferidas, quantas vezes mudaram de escola, se frequentaram ou não o jardim-de-infância ou andaram em centro de estudos/ATL e muitas vezes descrevem o que fazem ou faziam na escola. O tema religião surge com pouca frequência, fazendo apenas as crianças alusão à catequese ou batizado.

Tabela 4. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria *Maus-tratos, instituição, família de afeto e visitas* (8 temas).

Temas	Exemplos – excertos das narrativas de vida
Maus-tratos (n=6)	“...o meu pai violou-me.”, “Doeu-me muito. Estava eu a dormir, ele estava bêbedo...” p2; “...depois entretanto o pai bateu à minha mãe...” , “hum não foi eu mesma que vi” p12; “E depois ele chamou-me, e eu fui lá e disse assim “o que é que foi?”, e ele “anda cá!”, e eu “o que é que...”, fui e ele “podes-me pôr aqui a mão na pila?”, eu disse que não. Depois ele pegou na minha mão...” , “Foi para aí três vezes... Foi uma no quarto dele, outra no sofá e outra lá, nas árvores.” p1; “A minha mãe não acordava!... Acordava eu e tinha que lhes por a chupeta!” p3 “Que a mãe deixava-nos sozinhos em casa... Foi passear com o namorado chamado N... Às vezes corria-nos bem ou às vezes mal e então nós...” p5; “... depois eu é que comecei a cuidar da minha mãe... a minha mãe chateava-se e eu é que tomava conta dela... Depois fiz 4 e comecei a cuidar da minha mãe. A minha mãe chateava-se com o namorado... Ela chateava-se com o namorado, nunca parava de chorar e eu dizia “oh mãe, acalma-te, não chores. Sabes que a chorar não vais a nenhum lado” e ela disse “tá bem, eu não choro mais, vou tentar” e não começou a chorar mais!” p7
Álcool e drogas (n=4)	“... Filha não fiques triste porque a mãe vai melhorar, eles têm razão, a mãe anda na droga mas não é nada de especial e não vai acontecer nada”...” p4; “Eles eram toxicodependentes de drogas...” p8; “Estava eu a dormir, ele estava bêbedo...” p2
Sistema-judicial (n=5)	“...ia a tribunal e o juiz ia decidir se eu ia para casa ou não.” p4; “E o juiz não sabia” p9; “Contei-lhe tudo, uma coisinha à outra, hum... às vezes o tribunal não se acredita” p2
Família biológica após institucionalização (n=14)	“Nos Domingos, todos os dias vem o meu pai, a minha avó, o meu avô, e o meu primo Jorge Compalito” p14; “Quando ela me visita... eu nunca lhe peço nada, mas ela oferece-nos coisas.” p13; “... antes a minha tia visitava-me... por agora é só a minha mãe e a minha avó.” p1
Alteração do projeto de vida (n=5)	“...até eu fazer 11, saí do colégio, com a senhora que me foi buscar ao colégio, já a conhecia a algum tempo desde a caridade, só que viu que eu tava lá e os meus irmãos já tavam todos a sair, só que só ficou o Sérgio...” p10; “E no dia 9 de Julho dizem que é o dia que vão decidir quando é que eu vou embora de vez.” p13; “Porque eu era para ser adotada também com a minha irmã e a minha avó disse – já que não posso ficar com a pequena deixem-me ficar com a grande. Agora vou ficar com ela.” p2;
Família de afeto (n=1)	“E foi aí que apareceu esta família e ehmmm fiquei por aqui.” p10
Institucionalização (n=15)	“ Vim com uma senhora de carro.” p3; “É fixe...” p4; “Ia fazer 4, quando entrei lá, mas ainda faltava. Em Dezembro.” p10; “... era o meu primeiro dia de escola, mas tive que ir para o centro...” p1; “Fizeram-me os sacos e depois levaram-me” p2
Vida na instituição (n=6)	“É uma casa” p11; “Não sei, é giro, é giro. É o meu colégio preferido.” P13; “Mas eu às vezes durmo lá no centro” p16;

Nesta tabela pretendeu-se agrupar os temas que tivessem diretamente ligados com a institucionalização ou com o seu motivo, como o caso dos maus-tratos ou do tema álcool e drogas que os pais consumiam. Apenas 6 das 16 crianças referem o tema maus-tratos nas suas narrativas de vida, e quando o fazem descrevem os acontecimentos de forma detalhada, e o seu sentimento em relação ao que vivenciaram (como na etapa seguinte dos resultados se irá aprofundar). Quando se referem ao tema álcool e drogas as crianças explicam o que os pais lhes contaram ou o que presenciaram. Em relação ao tema institucionalização e nos outros com ele relacionados, as crianças tendem a narrar o que aconteceu no dia da retirada à família e a chegada à instituição, comparando-a, na maioria das vezes, com uma casa. Falam ainda do que acontece durante as visitas da família e qual a relação que mantêm com esta e contam o que esperam do futuro.

Tabela 5. Apresentação dos temas e respetivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria *Brincadeiras e relação com pares e amigos* (4 temas).

Temas	Exemplos – excertos das narrativas de vida
Amigos (n=12)	“O João é de lá da escola” p16; “Da DM, do N, da C. e mais quem? RJ...” p3; “A Carina já tá lá há bastante tempo, ela conheceu-me...” p1; “E tinha mais raparigas, tinha a Ana Brandão, era a irmã, eu, a Mica, a Rute, e eramos seis.” p2
Brincadeiras (n=13)	“Às barbies” p13; “Nos estávamos a brincar às cozinheiras, lembro-me de nós estarmos a brincar aos escorregas” p14; “Brincava às caçadinhas, às escondidinhas, com jogos...” p9
Conflitos com pares (n=5)	“Eles batiam-nos a nós e depois nós íamos e batíamos a eles.” p9; “Não me dava bem com ela” p2; “...começou a brincar connosco, até nem tava muito sozinha...eu comecei a andar mais com ela ehmmm o Rui e o Daniel começaram a ficar com ciúmes.” p10
Atividades lúdicas (n=3)	“É a aula de ginástica. Depois na sexta e na quinta também tenho ginástica. É só de tarde que tenho” p11; “Era de ginástica” p16

Os temas agrupados na tabela 5, referem-se à interação com pares. As crianças, nas suas narrativas, falam sobre os seus amigos da escola ou da instituição. Contam histórias passadas com eles, narram as suas brincadeiras, e muitas vezes fazem também referência aos irmãos. Quando referem o tema conflito com pares contam de forma detalhada quais os problemas que tinham com os amigos e o que mais os aborrecia em relação aos mesmos.

Tabela 6. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria *Acidentes, problemas de saúde e morte* (3 temas).

Temas	Exemplos – excertos das narrativas de vida
Acidentes (n=4)	“ Uma vez eu também parti um braço...” p3; “Foi quando ele veio para a minha casa, levou com uma pedra.” p14; “E depois o senhor que estava ao lado da minha mãe ficou ferido...” p2
Problemas de saúde (n=5)	“...eu já tive conjuntivite” p13; “A minha mãe não teve perigo de morrer só que a minha irmã nasceu sem pele, se alguém lhe tocava, queimava, acho eu...” p10; “Depois o meu avô ficou com diabetes e já não tinha uma perna...” p4
Morte (n=5)	“ Não porque ele faleceu no hospital, eu não vi.” p4; “E o meu pai acho que tava, ele aí faleceu, tem 51 anos foi a minha mãe que disse...” p13; “...alguém tinha morrido, não sei.” p1

Estes três temas são referidos por poucas crianças. Normalmente tendem a descrever estas situações problemáticas de forma detalhada o que aconteceu, quem foram as pessoas envolvidas, sendo que a maioria das vezes se referem a acontecimentos que presenciaram no seio familiar.

Tabela 7. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria *Férias e Festas* (3 temas).

Temas	Exemplos – excertos das narrativas de vida
Férias/viagens (n=7)	“Nas férias vou comer muitos chocolates. Vou estar com os meus amigos e mais nada” p11; “Foi para as colónias e eu fui com ela para alguns, não foi para todos.” p10; “...eu fui de férias para a minha avó...” p1; “ Eu vinha passar férias a casa...” p4
Festas (n=6)	“E depois era para um aniversário, para a minha mãe, e a minha mãe gostou” p14; “Passei lá o meu primeiro Natal.” p10; “Essa festa foi... tínhamos bebido sumo e isso...” p9; “ Lá havia festas e a minha mãe levava-me ao colo e lá havia um café à beira...” p4
Presentes (n=7)	“Só que eu não recebi muitas...” p10; “Depois a minha tia deu-me e era roupa” p9; “Porque o meu pai dava-me prendas.” p7

Em relação aos temas *Férias/viagens, Festas e Presentes* as crianças descrevem micronarrativas detalhando acontecimentos específicos. Relatam o que costumam fazer nas férias, onde costumam ir e quem as acompanha, como costumam ser as festas a que vão e as prendas que costumam receber ou quem as costuma dar.

Tabela 8. Apresentação dos temas e respectivos exemplos do discurso da criança integrados na macro-categoria Outros (3 temas).

Temas	Exemplos – excertos das narrativas de vida
Alimentação (n=6)	“Eu gosto de pizza com fiambre” p14; “Aquilo que comia era sopa” p10; “Batatas fritas!” p3
Aquisições desenvolvimentais (n=1)	“Com dois... eu quando era pequenina sabia falar, sabia andar” p9
Animais (n=7)	“... depois recebemos dois passarinhos, e mesmo assim o meu pai queria ter o cão!” p12; “A cadela da minha madrinha, quando era pequenina, tinha assim vários totós.” p9; “...tinha medo... do gato” p2

O tema *Alimentação* foi referido por algumas crianças para descreverem essencialmente as suas comidas preferidas ou então o que costumavam comer em casa ou na instituição. O tema *Animais* foi mencionado para falarem sobre os animais de estimação que tinham quando moravam com a família ou então para referir os seus medos. O tema *Aquisições desenvolvimentais* foi apenas referido por uma criança para explicar que foi em pequena que aprendeu a falar e andar.

2.2. Análise de conteúdo das Narrativas de maus tratos

Nesta segunda etapa serão apresentados pequenos textos, elaborados com o objetivo de apresentar a análise das narrativas de vida das seis crianças que descreveram episódios de maus-tratos, quanto ao que foi referido a esse propósito, sistematizando a informação em torno de oito questões: (1) tipo de mau trato; (2) a criança refere espontaneamente o mau-trato; (3) o entrevistador fala da situação de mau-trato; (4) a criança refere o abusador; (5) quando ocorreu o mau-trato; (6) onde ocorreu o mau-trato; (7) a criança descreve o acontecimento de forma detalhada; (8) a criança refere o impacto do acontecimento; (9) a criança mostra percepção do acontecimento enquanto mau-trato.

Participante 1 – 7 anos, em acolhimento residencial há 22 meses

Nesta narrativa emergem dois tipos de mau-trato, o mau-trato físico e o abuso sexual. A criança refere espontaneamente a experiência pela qual passou, revelando determinados pormenores como o local onde ocorreram os abusos, o número de abusos, quando ocorreram os mesmos e quem os perpetrrou, usando vocabulário muito específico e relatando tudo de forma detalhada (“Foi uma no quarto dele, outra no sofá e outra lá, nas árvores.”; “E depois

ele chamou-me, e eu fui lá e disse assim “o que é que foi?”, e ele “anda cá!”, e eu “o que é que...”, fui e ele “podes-me pôr aqui a mão na pila?”, eu disse que não. Depois ele pegou na minha mão...”).

O discurso da criança é espontâneo e fala sobre as suas vivências naturalmente. No início, a criança refere que o pai lhe batia por ter medo de gatos e que esse foi o principal motivo da sua primeira institucionalização (“Quando... Eu ainda era muito pequena... para o meu pai...me bater e... só por eu ter medo de gatos...”). Posteriormente menciona que foi novamente para casa, morar com a mãe, e descreve de forma pormenorizada o abuso sexual por parte do padrasto, a que atribui a causa da segunda institucionalização. Atualmente refere que o pai está preso, e que os advogados estão a tentar que o pai lhe faça visitas, ideia de que mostra gostar, referindo que apesar do que se passou, gosta do pai (“o meu pai agora está lá, na prisão e às vezes ele liga-me e a mãe...”; “Às vezes também me liga pelo telefone da minha avó que ela trabalha lá... Depois o meu pai, agora está a tentar... Ahmm... Ahmm... Arranjar um advogado.”).

Na narrativa de vida refere que gostava de voltar para casa. No entanto entre a escolha de ir morar com a avó paterna ou com a mãe, sem a presença do padrasto, a criança menciona que a avó paterna seria a sua escolha (“Agora às vezes o Centro pergunta-me... Ahm... Se eu gostava mais de tar na... na minha casa com a minha mãe, mas sem o meu padrasto... ou tar com a minha avó, e eu respondia que gostava mais de tar com a minha avó.”).

Em relação à perceção do acontecimento enquanto mau-trato, no discurso da criança, fica claro o entendimento de que o abuso sexual estava errado e atribui conotação negativa àquilo que lhe aconteceu e por isso sentiu necessidade de contar à sua mãe. Contudo, não se sentiu ouvida nem apoiada pela progenitora, precisando por isso de procurar apoio em mais alguém da sua confiança, sentindo que a avó paterna seria a escolha indicada e a ajuda que ela tanto precisava (“...depois ele no dia seguinte foi trabalhar e eu contei à minha mãe. A minha mãe disse para eu não dizer a ninguém, para não contar a ninguém nem à avó, se não a minha avó ia-me pôr no centro... “; “E...eu fui de férias para a minha avó e contei-lhe... Também não podia ficar calada.”)

Relativamente ao impacto do acontecimento na sua vida, o discurso da criança mostra que a sua situação de vida não é fácil, mas que tem de se habituar a lidar com tudo o que se passou (“No primeiro foi um bocado difícil... A segunda já... me habituei, à... à vida!”).

Na *ficha de identificação da criança e do percurso de vida* foi possível verificar que do seu agregado familiar, aquando da segunda institucionalização, fazia parte a mãe, o padrasto e os irmãos. Consta ainda que esta retirada se deveu ao facto de o padrasto exercer

maus-tratos psicológicos e físicos na criança, tendo ainda abusado sexualmente da mesma. A criança recebe visitas semanais da mãe.

Participante 2 – 8 anos, em acolhimento residencial há 32 meses

A tipologia de mau-trato presente nesta narrativa é o abuso sexual. A criança refere espontaneamente a experiência pela qual passou, dando bastante ênfase à mesma, uma vez que fala sobre o facto de ter sido abusada desde o início da narrativa. Mesmo quando o tema é o nascimento, ela refere por duas vezes que o seu pai a tinha violado, sobrepondo este tema à sequencialidade da narrativa de vida (“... Depois uma senhora viu, e chamou a ambulância e nós fomos para o Hospital S. João. ... passado algum tempo a minha mãe, o meu pai violou-me...”).

O discurso da criança descreve o acontecimento de forma detalhada (“estava a dormir, depois eu acordei, eu não me mexi, fiquei assim a tremer, agarrei-me ao meu urso e ele ali a fazer força e eu cada vez mais a apertar o urso”). A criança mostra ter conhecimento de que o que lhe aconteceu foi errado, e está consciente das consequências que daí poderiam advir (“porque as minhas colegas do centro também sabem, e então elas dizem, dizem que se nós tivéssemos o período que ganhávamos, que tínhamos um filho. Mas ainda bem que não tive”).

No que respeita ao impacto para o futuro, a criança na sua narrativa de vida refere que é algo que nunca vai esquecer e a vai marcar para sempre (“lembro-me e nunca vou-me esquecer”). Conta ainda que não contou à mãe, pois o pai a ameaçou e que esta estava a dormir quando a situação aconteceu. Assim, não sabe como é que a mãe soube, e que possivelmente pode ter sido pelo tribunal, uma vez que este a chamou para lhe fazer perguntas “hum a minha mãe soube”; “foi disso mas se calhar a minha mãe soube do tribunal assim qualquer coisa”).

A criança menciona que quando foi a tribunal, inicialmente não acreditaram no que ela estava a contar, talvez por ser pequenina ainda, mas após os exames médico-legais, estes concluíram que a criança estava a dizer a verdade. Contudo, algo que parece indignar a criança é o facto de o pai não estar preso, o que dá a entender que esta compreende a gravidade da situação (“contei-lhe tudo, uma coisinha à outra, hum... às vezes o tribunal não se acredita”; “não sei, porque eu era pequenina, eles não podiam ter acreditado, se calhar, mas depois, eu fui à polícia. Ele ainda não está preso, tem uma mulher com 3 filhos, outra vez e depois agora hum...”).

A criança, durante a sua narrativa de vida, parece sentir muito as situações e tem percepção de todas elas. Fala da situação da separação, e quando relata isso refere a tristeza que sentiu por ter sido separada dos seus irmãos e por ter ido para casa da tia. Conta que chorou noite e dia quando saiu de casa (“ficamos os 3 separados, e agora estamos os 3 separados, outra vez”; “estava triste e chorei noite e dia. Estas a ver uma flor, está assim, está nasceu, algum tempo, depois fica de pé, depois chega uma parte murcha”; “eu estava feliz como uma flor, feliz, nasci, feliz e assim. Depois quando soube...”; “murchei”).

A nível global a criança refere sentir-se feliz pelo facto de ir sair da instituição para ir morar com a avó materna. No discurso refere ainda que se sente triste com a mãe por ter assinado o papel para a sua irmã ser adotada. Contudo, no que respeita a esta adoção, a criança parece sentir ambiguidade em relação aos seus sentimentos, tristeza por não voltar a ver a irmã, mas também felicidade por saber que a irmã está feliz com a nova família.

Na *ficha de identificação da criança e do percurso de vida* foi possível verificar que do seu agregado familiar aquando da sua institucionalização fazia parte a mãe, o pai e família alargada. A criança foi retirada, pois o pai e a mãe exerciam maus-tratos psicológicos e negligência na filha, tendo esta também sido vítima de abuso sexual. A criança recebe visitas diárias, não se sabendo qual o elemento da família que a visita.

Participante 3 – 8 anos, em acolhimento residencial há 12 meses

A tipologia de mau-trato presente nesta narrativa é a negligência, associada ao facto de a criança ter sido também observadora de violência doméstica. A narrativa da criança em relação a estes aspetos não é muito espontânea, sendo se mostra sempre muito reservada nas respostas dadas. Refere muitas vezes que não se lembra das situações e escolhe não falar das idades mais precoces.

(“Eeeee deixa-me pensar... não sei nada!”).

A criança descreve a situação de tomar conta dos irmãos como normal e não se refere a si própria como alvo de mau-trato. Assim refere que acordava de noite para lhes dar a chupeta quando eles choravam, acabando isso por a manter acordada e esta ir para a escola sempre com sono, adormecendo nas aulas, achando essa uma situação normal (“... a minha mãe não acordava! ... pedia à professora para ir à casa de banho e lava a cara.”).

Deste modo, quanto à percepção da situação enquanto mau-trato, não existe na narrativa uma referência clara que sugira que a criança a interpretou desse modo.

No que respeita à violência doméstica entre os pais, não existe descrição de nenhuma situação concreta, evitando a criança falar sobre o tema e sublinhando que os pais fizeram

as pazes. Contudo, parece existir a consciência de que a violência entre os pais é um problema, pois a criança atribui a ida para o centro a esse facto. (“Eeee deixa ver mais... Depois... a mãe e pai zangaram-se e eu vim para aqui....Porque o pai batia à mãe...(começa a chorar)”).

Na *ficha de identificação da criança e do percurso de vida* foi possível verificar que do seu agregado familiar aquando da institucionalização fazia parte a família alargada e os irmãos, tendo a criança sido retirada, pois o pai e a mãe exerciam maus-tratos psicológicos e negligência na filha. A a criança recebe visitas diárias dos pais.

Participante 4 – 7 anos, em acolhimento residencial há 14 meses

A tipologia de mau-trato presente nesta narrativa é a negligência. A criança refere espontaneamente a experiência de mau-trato, referindo logo no início da entrevista que a mãe a deixava sozinha em casa com os irmãos enquanto o pai trabalhava fora do país. Descreve detalhadamente ao longo da narrativa o que acontecia quando a mãe a deixava sozinha com os irmãos, contando aspetos afetivos e emocionais dos acontecimentos ao referir que às vezes lhes corria bem , que ficavam contentes a brincar, e outras vezes corria mal.

A criança parece ter noção de que o que a mãe fazia não era correto, ao referir que contava ao pai o que se passava quando este regressava a casa aos fins-de semana, pois trabalhava em Espanha, sugerindo que o fazia como queixa. (“Que a mãe deixava-nos sozinhos em casa e depois nós contávamos que ela ia sair e não nos levava... Dizia que ia sair e já vinha, que ia tomar um café com a vizinha que nós conhecíamos que chamava-se L. e era da nossa família e então nós tínhamos ficado em casa mas afinal ela não foi tomar café com a vizinha...Foi passear com o namorado chamado N. O meu pai e a minha mãe já estavam separados, só que vivíamos juntos e então nós ficámos sozinhos em casa. Às vezes corria-nos bem ou às vezes mal e então nós...”).

Sugere ainda que a mãe inscreveu os filhos tarde na escola e que deixaram de andar durante um tempo. Não é feita uma ligação direta entre a negligência e a ida para o centro, contudo ao referir a ida para o centro a criança volta a nomear alguns aspetos de negligência, como o facto de as coisas estarem a correr mal em casa e na escola e que continuavam a ficar sozinhos em casa (“Sim. Depois eu vim aqui para o centro porque estava a correr mal em casa e na escola porque pegavam connosco e em casa nós ficávamos sozinhos ...”).

Numa apreciação global da narrativa destaca-se a grande desorientação temporal, o facto de a criança não mostrar desejo específico de onde prefere estar, não falar muito nos

pais, referindo apenas o pai como sendo a casa onde vai de quinze em quinze dias e a mãe que lhe deu uma boneca.

Na *ficha de identificação da criança e do percurso de vida* foi possível verificar que do agregado familiar da criança aquando da sua institucionalização fazia parte a mãe, o pai e os irmãos. A criança foi retirada, pois o pai e a mãe exerciam maus-tratos psicológicos e físicos na filha. A criança recebe visitas de quinze em quinze dias dos pais.

Participante 5 – 8 anos, em acolhimento residencial há 43 meses

A tipologia de mau-trato presente nesta narrativa é a negligência, especificamente uma situação de parentificação. A criança descreve a negligência de forma detalhada, referindo desde o início da narrativa que é ela que toma conta da mãe, e que o faz desde os 4 anos, explicitando que é a mãe que conta as situações da sua vida adulta, sobre os seus namorados. (“Quando eu era bebé era muito rabugenta, depois quando comecei crescer a crescer fiquei com quatro anos e depois eu é que comecei a cuidar da minha mãe...”; “Ela chateava-se com o namorado, nunca parava de chorar e eu dizia “oh mãe, acalma-te, não chores. Sabes que a chorar não vais a nenhum lado” e ela disse “tá bem, eu não choro mais, vou tentar” e não começou a chorar mais!”; “Depois ela foi arranjar namorados para nunca mais chorar!”).

A narrativa de vida contada pela criança não sugere que esta tenha noção de que passou por uma situação de mau-trato, nem que identifica a parentificação como uma. O tema da negligência vem no início da narrativa, e apesar de ser uma narrativa pequena é o que ocupa maior espaço.

É de notar que a criança não associa a ida para o centro à situação de mau-trato, e ao longo da narrativa vai sempre trazendo emoções positivas e negativas associadas principalmente aos relacionamentos com a mãe e o pai.

Não surge nenhuma explicitação de nenhuma vivência como mau-trato, contudo foi possível identificar outra situação de mau-trato, abandono, pois a mãe deixou de assegurar visitas ao centro. Esta situação parece afetar a criança, uma vez que esta fala no assunto e quando o entrevistador tenta desenvolver o assunto, a criança quer terminar a entrevista, o que faz deduzir que a criança se sinta triste com a situação.

Na *ficha de identificação da criança e do percurso de vida* foi possível verificar que do agregado familiar da criança, aquando da sua institucionalização, fazia parte a mãe, tendo a criança sido retirada, pois os pais exerciam maus-tratos físicos e negligência na filha. A

criança recebe visitas de quinze em quinze dias, não se sabendo qual o membro da família que a visita.

Participante 6

A tipologia de mau-trato presente nesta narrativa é o mau-trato psicológico, associado ao facto de a criança ter sido também observadora de violência doméstica.

O discurso da criança é espontâneo, contando detalhes da sua vida e acrescentando pormenores à sua história. Descreve a situação maltratante de forma detalhada, referindo uma situação de mau-trato físico entre o pai e a mãe, em que a mãe foi contra uma porta, tendo a porta partido e a mãe agarrado num pedaço de vidro e cortado o pulso do pai (“depois entretanto o pai bateu à minha mãe, bateu à minha mãe, e a minha mãe, como a mãe tinha ido contra, contra a porta, com um vidro assim”; “a minha mãe foi contra o vidro da porta, da porta, e depois a mãe como tinha partido o vidro da porta, apagou, pegou num bocado, o pai fez assim, e a mãe espetou-lhe aqui o vidro. Foi... não lhe espetou...”). A criança tem plena noção de que é uma situação que não devia ter presenciado, e isso é notado pelo seu discurso e determinados momentos que relembra. Viveu intensamente a situação pois estava presente durante a discussão, e quando interpelada pelo entrevistador sobre se era difícil contar estas situações e ter presenciado tudo isto a criança refere que sim. A criança faz ainda alusão a uma situação em que a mãe lhe pergunta se ela já viu o pulso do pai, e diz para ela nem olhar para lá (“a minha mãe às vezes diz “tu já viste com está o pulso do teu pai?” e eu: “não, nunca vi, como é que ele ficou”. ...E a minha mãe diz “Então não queiras ver, filha””).

A criança não mostra entender o motivo de ter sido institucionalizada, apenas refere que não podiam estar com ela e então a foram-na buscar enquanto estava a dormir, e que para ela foi uma surpresa, pois não estava a contar (“eu vim para cá porque não podiam estar comigo...”).

Acerca do impacto do acontecimento na sua vida, não é perceptível pelo discurso da criança que a situação a afete diariamente, contudo relembra detalhadamente os acontecimentos, e relativamente ao facto de ter ido para o centro diz que sente saudades da mãe, pois agora não a pode ver.

Numa apreciação global é de notar o discurso um pouco confuso da criança a contar determinadas situações, como o mau-trato que presenciou entre os pais, e até mesmo uma situação entre a patroa da mãe e a própria mãe.

Da análise das seis narrativas de vida apresentadas, pode constatar-se que duas experienciaram abuso sexual como mau-trato, três mau-trato por negligência e uma mau-trato psicológico, por observação de violência doméstica. Das três crianças referenciadas por negligência uma é especificamente por parentificação e outra para além deste mau-trato ainda foi observadora de violência doméstica.

Dos seis participantes anteriormente referidos, apenas um foi muito reservado durante todo o seu discurso, sendo que os restantes foram sempre espontâneos e detalhados a descrever as suas narrativas de vida, incluindo nesta a pessoa ou pessoas que exerciam o mau-trato e acrescentando pormenores cruciais, que fizeram entender que o que se passou era realmente mau-trato. Foi possível verificar, que apesar de fazerem referência a esta experiência, nem todas o entendem dessa forma, sendo apenas as crianças que experienciaram abuso sexual o interpretam dessa maneira. Os participantes 3 e 4 percebem que o que lhes aconteceu está errado, mas não mostram considerar isso como um mau-trato e os participantes 5 e 6 não o consideram de todo.

No que respeita à ida para o centro de acolhimento, os participantes 1 e 2 atribuem as suas idas ao facto de terem sido sexualmente abusadas, o participante 3 atribui a sua ida ao facto de existir violência doméstica entre os pais, o participante 4 entende que foi por ficar sozinho em casa e de haver problemas na escola, apesar de não fazer uma ligação direta com o mau-trato por que passou e os participantes 5 e 6 não mostram entender o seu motivo, por não considerarem o que lhes aconteceu mau-trato.

Numa breve análise transversal ao seis casos, salienta-se que, apesar de o acontecimento maltratante ser o que ocupa a maior parte das seis narrativas de vida, são as crianças que experienciaram abuso sexual (participantes 1 e 2) que o descrevem de forma mais pormenorizada, explicando a forma como se sentiram enquanto o mesmo estava a acontecer, sugerindo serem os que lhe atribuem maior importância. Observou-se ainda que estas crianças manifestam sempre uma conotação muito negativa em relação ao assunto, fazendo transparecer que entendem que o que sucedeu não era uma situação normal, referem o impacto dessa experiência nas suas vidas e a forma como as irá afetar no futuro, referindo ambas que teriam de aprender a lidar com o que lhes aconteceu. Por outro lado, nos restantes participantes é possível verificar uma grande desorientação temporal, quando referem as situações de mau-trato e não fazem referência à forma como se sentiram, nem como os afetou ou irá afetar no futuro.

3. Discussão

Será efetuada neste capítulo a análise e reflexão dos resultados obtidos no ponto anterior, com o objetivo de dar resposta aos objetivos formulados no início do estudo.

Os resultados irão ser discutidos em torno dos quatro objetivos centrais: (1) mapear os conteúdos temáticos das narrativas de vida das crianças que sofreram maus-tratos; (2) identificar a referência a maus-tratos nas narrativas de vida de crianças a viver em acolhimento residencial; (3) analisar o discurso espontâneo relativo aos maus-tratos, na narrativa de vida, com vista a identificar aspetos da descrição do acontecimento e do impacto emocional da experiência; e; (4) explorar a existência de relações entre a elaboração da narrativa dos maus-tratos e o tipo de mau-trato experienciado pela criança, nomeadamente eventuais especificidades discursivas das crianças que sofreram abuso sexual.

A análise aos resultados obtidos na primeira etapa do estudo, permitiu verificar que as crianças, mesmo a viver em acolhimento e tendo passado por experiências adversas nas suas vidas, apresentam uma narrativa de vida com uma diversidade de conteúdos temáticos muito rica. De acordo com o modelo cognitivo-narrativo (Gonçalves, 2000) este aspeto associa-se a uma narratividade saudável e, portanto, a um bem-estar, não se focando apenas nos aspetos negativos por que passaram, e por isso não produzindo narrativas monotemáticas. Este resultado é muito positivo, uma vez que, como refere Gonçalves (2000), uma narrativa pobre em conteúdo contém menos detalhes sobre as experiências, sendo por isso mais monocórdica na compreensão, e por isso transmite a ideia de que o indivíduo não está tão adaptado à situação em que se encontra, enquanto uma narrativa pautada pela diversidade, e por isso mais enriquecida, permite colher um maior número de experiências. Depreende-se assim, que as experiências positivas se encontram conservadas na memória das crianças, apesar das situações traumáticas pelas quais passaram. As crianças nas suas narrativas de vida tendem a abordar temas relativos a acontecimentos e contextos presentes ao longo da sua vida, acrescentando o que para elas é mais ou menos importante.

A macro-categoria *Família*, aparece como uma das macro-categorias com um maior número de temas abordados pelas crianças, o que sugere que as crianças preservam as memórias do tempo com esta família, e sentem necessidade de falar sobre o que passou e continua a passar com ela. Salienta possivelmente a importância que a família continua a ter para estas crianças, apesar de estarem a viver fora destas e de, em alguns casos, explicitarem bem os problemas com os pais que levaram à sua ida para a casa de acolhimento.

Os temas *Dinâmicas familiares e Nascimento*, surgem como os mais abordados pelas crianças dentro desta macro-categoria, o que reflete que a sua produtividade em termos desenvolvimentais é absolutamente adequada, considerando que estes são os temas pelos quais é teoricamente expectável que comece a narrativa de vida (Habermas, 1989). Contudo, um resultado que surpreendeu, foi o tema *Acontecimentos com a família*, ser apenas abordado por metade das crianças, o que sugere que não houve nas suas vidas nenhum momento marcante que tivessem vivido com as famílias de que se lembrem ou queiram falar. É de notar que os temas *Nascimento dos irmãos*, *Conflitos entre familiares*, *Separação dos pais* e *Profissão dos pais* são os menos mencionados pelas crianças.

Quanto à macro-categoria *Escola e outros contextos de socialização*, é onde aparecem também o maior número de temas. Tal como seria de esperar, todas as crianças integram na sua narrativa de vida, acontecimentos relacionados com a *Escola*. Trata-se de um dos locais onde passam mais tempo, e que apesar de poder ter havido mudanças, é sempre uma constante nas suas vidas. Algo a realçar nestes resultados, e que poderá trazer importantes implicações práticas, foi a quantidade de crianças que falaram no *Educador/professor (n=11)*, o que demonstra a importância que este tem nas suas vidas, e que é alguém que de uma forma ou outra os marcou e/ou marca durante o seu percurso, sugerindo o potencial de explorar com estes uma relação significativa da criança.

A macro-categoria *Maus-tratos, instituição, família de afeto e visitas*”, integra também muitos temas. É de notar aqui o número de crianças que abordam os temas maus-tratos nas suas narrativas de vida. Seria de esperar, uma vez que todas estas crianças estão fora dos pais, por terem experienciado uma situação de mau-trato no seio familiar, que as suas narrativas incluíssem a história de mau-trato de que foram vítimas, contudo foi possível verificar que apenas seis crianças o fizeram. Interessante ainda, é que as duas crianças existentes na amostra que foram sexualmente abusadas, foram das seis as que referiram o mau-trato por que passaram. Estes resultados sugerem que as crianças, muitas vezes, sentem inibição de contar as experiências adversas pelas quais passaram, ou que não têm noção de que o que lhes aconteceu foi mau-trato, não sentindo assim necessidade de falar sobre o tema, por ser banal para elas.

Em relação ao tema *Família biológica após a institucionalização e Institucionalização*, foram os temas mais abordados dentro desta macro-categoria, como seria de esperar. Em relação ao primeiro, a família é o primeiro contexto de socialização, ficando sempre marcada nas crianças, sentindo assim, estas, necessidade de falar dos contactos que mantêm ou das saudades que sentem. Em relação ao segundo, as crianças

tendem a refletir acerca da origem da institucionalização, o que sentiram e pensaram, e falam da confusão que sentiram quando saíram de casa e do facto de não entenderem o que estava a acontecer. Apenas seis crianças falaram sobre o tema *Vida na instituição*, sendo de esperar que mais o fizessem, uma vez que essa era agora a sua casa. Contudo tendem a falar mais dos acontecimentos experienciados com a sua família biológica, do que nos acontecimentos ocorridos naquela que é agora a sua casa.

Relativamente à macro-categoria *Brincadeiras e relação com pares e amigos*, seria já de esperar que as crianças abordassem nas suas narrativas os temas *Amigos e Brincadeiras* com tanta frequência, pois é com eles que crescem e se desenvolvem. Eles fazem parte das suas vidas, e muitas vezes os amigos mantêm-se mesmo quando as crianças saem de casa para irem viver para as casas de acolhimento. Em relação ao tema *Conflito com pares* são poucas as crianças a abordar este tema, o que demonstra que não sentem grandes ressentimentos para com os amigos ou que não dão importância a zangas que tenham tido, sugerindo a fluidez esperada nestas relações nas crianças destas idade.

É de salientar que apenas três crianças referiram o tema *Atividades Lúdicas*, o que surpreende pelo facto de que estas deveriam constituir um escape às vivências de sofrimento que têm pautado a sua experiência. Daqui se poderá repensar a necessidade de promover atividades lúdicas, experimentar novas formas de agir, livres de vitimação e ainda criar novos contextos de socialização que possam ser “para-raios” de carga emocional negativa. Atenda-se, no entanto, que é comum os estudos no domínio das narrativas, mostrarem que as narrativas sobre experiências negativas são mais desenvolvidas do que as relacionadas com acontecimento positivo.

Na macro-categoria *Acidentes, problemas de saúde e morte* é surpreendente a forma como as crianças falam sobre estes temas e a importância que lhes atribuem. Apesar de serem poucas as crianças a referi-los, quando o fazem descrevem com pormenor o que aconteceu. Sendo estes acontecimentos invariavelmente de valência emocional negativa, em contraste, também surgem acontecimentos de valência emocional positiva ao integrarem na narrativa de vida episódios relacionados com *Férias e Festas*. Isto sugere que as crianças apesar terem vivido acontecimentos de vida adversos, integram nas suas narrativas de vida temas que refletem um percurso desenvolvimental normal.

Analisando do ponto de vista temático, como já foi referido, foi possível observar que as macro-categorias temáticas *Família, Escola e outros contextos de socialização e Maus-tratos, instituição, família de afeto e visitas* são as que mais agrupam um grande conjunto de temas, talvez por serem os contextos primários de socialização da criança, e

aqueles temas em que a criança experienciou uma situação de vida adversa e faz parte do seu quotidiano.

Indo ao encontro do segundo objetivo, os resultados da segunda etapa deste estudo evidenciaram que são menos de metade (cerca de um terço) as crianças que falam sobre a experiência de mau-trato nas suas narrativas de vida. Como já foi referido, apenas seis das dezasseis crianças fizeram referência aos maus-tratos, sendo que as duas crianças que tinham experienciado abuso sexual foram das que o incluíram nas suas histórias e sendo que não houve nenhuma cujo o seu percurso incluísse abuso sexual e que não tivesse falado disso. Estes resultados, como supracitado, sugerem que as crianças se sentem inibidas de falar sobre o que lhes aconteceu e não se sentem preparadas para o fazer ou não atribuem grande importância ao que sucedeu, muitas vezes por não compreenderem que o que estavam a vivenciar era um mau-trato.

Como se pode constatar, dos seis participantes, apenas a criança que experienciou negligência e observou violência doméstica se inibiu mais de falar, sendo sempre mais reservada. Estes resultados vão de encontro ao que diz MacMillan (2011), que as crianças que observam violência doméstica têm mais dificuldade em comunicar. Isto é demonstrado na narrativa de vida desta criança, uma vez que as respostas dadas são sempre muito fechadas e pouco ou nada desenvolve sobre a sua história de vida. Deste modo, seria de esperar que também o participante que sofreu mau-trato psicológico e observou violência doméstica tivesse dificuldade em comunicar, contudo a sua narrativa é bastante detalhada e pormenorizada, o que sugere que as características da criança, a própria situação e o meio onde a criança está inserida pode ter impacto na hora de ter de contar o que aconteceu.

Outro resultado a evidenciar é o facto de apenas as crianças que experienciaram abuso sexual atribuírem a sua institucionalização ao mau-trato de que foram vítimas. As restantes quatro crianças não fazem a ligação direta com a experiência adversa por que passaram, à exceção de uma que atribui a institucionalização ao facto de haver violência doméstica entre os pais, continuando a achar normal tomar conta dos irmãos. Muitas vezes as crianças não entendem que o que lhes está a acontecer é mau-trato, principalmente em situações de negligência, pois como refere Varela (2007) as necessidades primárias poderão estar satisfeitas, não dando as crianças conta que lhes falta algo mais. É de notar que as vítimas de abuso sexual o referem, por este ser um mau-trato mais intrusivo, logo algo que se nota à partida que não é correto, enquanto a negligência assume um papel mais invisível. Como referem Gomes, Junqueira, Silva e Junger (2002), esta invisibilidade que assume a negligência traduz-se no facto de nem sempre ser possível "...diferenciar o que é a

negligência pura e simplesmente [de] uma negligência por falta de condições de vida...” (p.278). Contudo importa mencionar que apesar de serem formas distintas de maus-tratos, ambas acarretam graves consequências para as crianças.

É de notar que as seis crianças que falaram espontaneamente sobre o mau-trato tendem a fazê-lo de forma detalhada, acrescentando pormenores, ocupando a história de mau-trato grande parte da sua narrativa de vida, apesar de muitas vezes não o identificarem como tal. Contudo foi possível verificar que as crianças que vivenciaram abuso sexual produzem narrativas de vida maiores e mais centradas em contar a história atribuindo as culpas ao abusador. Estas crianças sentem a necessidade de contar desde logo a sua história de mau-trato, atribuindo uma conotação negativa a tudo o que lhes aconteceu. Foi possível ainda verificar, que ao contrário das crianças que experienciam outro tipo de mau-trato, estas têm uma maior consciência do que lhes aconteceu, referindo qual o impacto que esta experiência terá nas suas vidas. Estes resultados vão de encontro ao estudo de Klein e Janoff-Bulman (1996) realizado com adolescentes vítimas de abuso sexual na infância, em que as narrativas produzidas para além de serem maiores, centravam-se mais na perspectiva do abusador. O facto de as duas crianças referirem também nas suas narrativas que nunca vão esquecer o que lhes aconteceu e falarem de forma tão presente sobre o que se sucedeu, vai de encontro ao estudo de Fivush e Edwards, que concluíram que mulheres vítimas de abuso sexual na infância, mesmo passando aquele tempo todo continuam a ter presentes as memórias do abuso de que foram vítimas, como se fossem situações recentes, para além de apresentarem também longas narrativas.

4. Conclusão

A investigação apresentada destinou-se a aprofundar empiricamente a forma como as crianças maltratadas incluem nas suas narrativas de vida a história de mau-trato de que foram vítimas, especificamente no que diz respeito ao abuso sexual e compreender quais os conteúdos temáticos que abordam estas crianças, uma vez que vivenciaram experiências de vida muito adversas.

As análises de conteúdo desenvolvidas permitiram atingir um conhecimento aprofundado das memórias selecionadas para constituir a sua narrativa de vida e da significação atribuída às diversas vivências. Verificou-se que estas crianças, mesmo com um passado de maus-tratos e acolhimento residencial, apresentam uma narrativa com uma

grande diversidade de conteúdos, não se focando apenas nos aspetos negativos das suas vidas, mas acrescentando temas relativos a vivências positivas e, globalmente, focadas em temas que serão transversalmente experienciados por todas as crianças.

É de salientar a fortíssima presença das temáticas familiares no discurso destas crianças, verificando-se que, apesar, destas crianças estarem a viver fora dos pais, nenhuma esquece a família, nomeadamente os pais e os irmãos, fazendo disso um tema constante nas suas histórias.

Foi ainda possível verificar que, apesar da experiência de mau-trato por que passaram, mais de metade das crianças não referem esses acontecimentos na sua narrativa de vida. Este resultado mostra-se particularmente importante, deixando em aberto, um conjunto de questões acerca do que tal possa significar: poderá prender-se com o facto de estas crianças não entenderem o que lhes aconteceu e não lhes ter sido nada explicado em relação a isso, ou passará por não considerem importante, ou como acontece em alguns estudos com adultos tentarem esquecer, ou ainda refletir que não se sentem preparadas para falar sobre isso.

Faz-se necessário referir, que as duas crianças presentes na amostra que vivenciaram abuso sexual, foram das poucas a narrar o sucedido como um mau-trato, sendo que, as restantes que o referiram situações adversas, ou não interpretaram o que lhes aconteceu como mau-trato ou minimizaram-no, tendo sido apenas estas duas crianças a atribuir o motivo da sua institucionalização ao mau-trato por que passaram. Um outro resultado de grande importância, prende-se com o facto de as narrativas de vida das duas crianças que foram sexualmente abusadas serem significativamente maiores, em comparação com as narrativas das restantes crianças que narraram outros maus-tratos, e serem as únicas a fazer referência ao impacto que este mau-trato irá ter no seu futuro, atribuindo conotação negativa a esta experiência. Estas diferenças no processo de significação do tipo de maus tratos experienciados toca questões teóricas da maior importância, juntando-se à literatura que descreve efeitos diferenciados dessas adversidades e alertando para a necessidade de evoluir no sentido de um conhecimento cada vez mais aprofundado das consequências específicas destas experiências precoces para o desenvolvimento da criança, construção da sua identidade e projeção no futuro.

É de salientar que as crianças que participaram no presente estudo, para além de terem um passado de maus-tratos, encontram-se a viver em acolhimento residencial de carácter temporário, pelo que se tornou desafiador pedir à criança que contasse a sua história de vida, pois mais do que refletir sobre ela, importava construí-la. Assim, foi possível

verificar que quando se fala em futuro, ou projeto de vida, são muito poucas aquelas que falam sobre isso ou o incluem nas suas histórias, fazendo transparecer que sentem as suas vidas numa espécie de “limbo”.

Destacadas as conclusões mais importantes deste estudo, importa refletir sobre as principais limitações do mesmo. É de referir que não sendo responsável pela recolha da amostra, foi impossível contactar diretamente com as crianças, pelo que a interpretação das narrativas de vida poderá não ter sido a mais precisa. Outro fator a ter em conta, foi o número reduzido de participantes que, embora não prejudique a análise qualitativa e a compreensão dos resultados, pode impor limites quanto à validade externa do estudo. Isto verificou-se particularmente em relação ao número de participantes que vivenciaram abuso sexual, o qual sendo um alvo de especial interesse no estudo, reforçou o seu estatuto exploratório.

Apesar das limitações reconhecidas, considera-se que o estudo realizado permitiu conhecer melhor a forma como as crianças elaboram os significados sobre as experiências de maus-tratos nas suas narrativas de vida e quais os temas que mais integram quando contam a sua autobiografia. É importante ainda reconhecer que ler as narrativas de vida destas crianças é manifestamente surpreendente pois a forma como contam as suas histórias, marcadas por fragilidades, desafios e dificuldades, leva a que o leitor se envolva na realidade que é a vida destas crianças, tornando difícil colocar-se de fora.

Em futuras investigações seria interessante utilizar amostras mais amplas em relação a cada um dos tipos de maus-tratos experienciados, de modo a permitir uma efetiva comparação da forma como estes são significados; um outro projeto da maior importância seria investigar o porquê de umas crianças contarem integrarem na sua narrativa de vida, os acontecimentos de mau-trato e outras nem sequer os referirem; e, ainda, realizar-se um estudo de caso com as duas crianças que sofreram abuso sexual, de modo a estudar as diferenças quanto à significação do abuso sexual de umas narrativas para as outras, ao longo da sua vida, com vista a compreender o impacto longitudinal dessas experiências na construção da visão sobre si próprias.

Para finalizar, com esta abordagem sobre abuso sexual e outros maus-tratos em crianças, espera-se desencadear um olhar mais atento sobre a problemática refletida neste trabalho, de modo a potenciar novos estudos que permitam compreender de que modo estas histórias de vida afetam a formação da sua identidade.

Referências bibliográficas

- Adams, J. A., Kaplan, R. A., Starling S. P., Mehta, N. H., Finkel, M. A., Botash, A. S., Kellogg, N. D. & Shapiro, R. A. (2007). Guidelines for Medical Care of Children, Who May Have Been Sexually Abused. *J Pediatr Adolesc Gynecol*, (20), 163-172.
- Antunes, C. (2005). *A narratividade em jovens vítimas de maus-tratos na infância: Estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.) Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Borges, J. L. & Dell’Aglia, D. D. (2008). Relações Entre Abuso Sexual Na Infância, Transtorno De Estresse Pós-Traumático (Tept) E Prejuízos Cognitivos. *Psicologia em 13* (2), 371-379.
- Bruner, J. (2002). *Actos de significado: Para uma psicologia cultural*. (V. Prazeres & A. Mourão, Trad.) Lisboa: Edições 70, Lda. (Original publicado em 1990)
- Cavalcante, R., Calixto, P. & Pinheiro, M. M. K. (2014). *Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método*. *Informação e sociedade*, V.24, n.1, p. 13-18.
- DGS - Direção Geral da Saúde. (2011). *Maus Tratos em Crianças e Jovens – Guia Prático de Abordagem, Diagnóstico e Intervenção*.
- English, J. D. (1998). The Extent and Consequences of Child Maltreatment. *The future of children*, 39-53.
- Fivush, R., & Edwards, V. J.(2004). Remembering and Forgetting Childhood Sexual Abuse. *Journal of Child Sexual Abuse*, 13 (2), 1-19 .
- Fivush, R., Hazzard, A., Sales, J. M, Sarfati, D., & Brwn, T. (2003).Creating coherence out of chaos? Children’s narratives of emotionally positive and negative events. *Applied Cognitive Psychology*, 17, 1–19.
- Florentino, B. R. B. (2015). As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Revista de Psicologia*, 27 (2), 139-144. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/805>
- Formigo, M. (2014). *Acute and non-acute markers of sexual offense. A comparison study*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Portugal.
- Freitas, A. (2005). *O Desenvolvimento Narrativo na Infância*. Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto de Psicologia e Educação da Universidade do Minho, Braga.

- Glaser, D. (2000). Child Abuse and Neglect and the Brain - A Review. *Association for Child Psychology and Psychiatry*, 41 (1), 97-116.
- Gomes, R., Junqueira, M.F.P.S., Silva, C.O. & Junger, W.L. (2002). *A abordagem dos maus-tratos contra a criança e o adolescente em uma unidade pública de saúde*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(2):275-28.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver Narrativamente: A psicoterapia como adjetivação da experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, O., Korman, Y. & Angus, L. (2000). Constructing psychopathology from a cognitive narrative perspective. In R. Neimeyer & J. Raskin (Eds.), *Constructions of disorders: Meaning making framework for psychotherapy*. Washington: APA Press.
- Habermas, T., Ehlert-Lerche, S., & De Silveira, C. (2009). The development of the temporal macrostructure of life narratives across adolescence: Beginnings, linear narrative form, and endings. *Journal of Personality*, 77(2), 527-560.
- Henriques, R. M., Saraiva, P., Vieira, A., Ribeiro, C., Braga, E., Silva, S., & Nicolas, E. (2012). *Life narratives of institutionalized children / Les récits de vie des enfants institutionnalisés*. Painele: "Clinical and Developmental Aspects of Life Narratives", com moderação e a convite do Professor Tilmann Habermas. Comunicação apresentada no Narrative Matters 2012: Life and Narrative. Paris, France.
- Higgins, D. J. (2004). The Importance of Degree versus Type of Maltreatment: A Cluster Analysis of Child Abuse Types. *The Journal of Psychology*, 138 (4), 303-324.
- Junqueira, M. F. P. S. & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus-tratos à criança. *Caderno de Saúde Pública*, 19(1), 227-235.
- Kendall-Tackett, K. A., Williams, L. M. & Finkelhor, D. (1993). Impact of Sexual Abuse on Children: A Review and Synthesis of Recent Empirical Studies. *Psychological Bulletin*, 113 (1), 164-180.
- Kitzmann, K. M., (2007). Violência doméstica e seu impacto sobre o desenvolvimento social e emocional de crianças pequenas. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância*.
- Klein, I., & Janoff-Bulman, R. (1996). Trauma history and personal narratives: some clues to coping among survivors of child abuse. *Child Abuse and Neglect*, 20 (1), 45-54.
- Lemos, M. S. (1993). *A motivação no processo de ensino/aprendizagem, em situação de aula* Marina Gomes. Tese de doutoramento. Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto.

- MacMillan, H. (2011). Maus-Tratos na Infância. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância*.
- Magalhães, T. (2002). *Maus-Tratos em crianças e Jovens – Guia Prático para Profissionais*. Coimbra: Quarteto Fantástico.
- Magalhães, T. (2010). *Abuso de Crianças e Jovens. Da Suspeita ao Diagnóstico*. Lisboa- Porto: Lidel-edições técnicas, lda.
- Maia, A., Guimarães, C., Carvalho, C., Capitão, L., Carvalho, S. & Capela, S. (2007). Maus-tratos na infância, psicopatologia e satisfação com a vida: um estudo com jovens portugueses.
- Miller-Perrin, C. & Malloy, L. (n.d). Curriculum Guide for Instruction in Child Maltreatment. *Section on Child Maltreatment Division 37: Child, Youth, and Family Services*. American Psychological Association.
- Nelson, K. & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A social cultural developmental theory. *Psychological Review*, 11 (2), 486-511.
- Oliveira, R & Pais, L. (2014). A Origem dos Maus-Tratos: Revisão Sobre a Evolução Histórica das Perceções de Criança e Maus-Tratos. *Psychology, Community & Health*.
- Peixoto, A. P. R. (2007). *Maus – tratos na infância - uma perspectiva do bairro da colina*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, Portugal.
- Pinto, R. & Maia, A. (2009). Dos Maus-Tratos Na Infância Aos Comportamentos De Risco Na Idade Adulta: Um Modelo Conceptual. *I Congresso Luso Brasileiro de Psicologia da Saúde*, 1035-1046.
- Polkinghorne, D. E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, N. Y.: Sunny Press.
- Pollak, S. (2004). O impacto de maus-tratos na infância sobre o desenvolvimento psicossocial de crianças pequenas. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância*.
- Promoção e Proteção dos direitos das crianças (2006). *Guia de orientações para os profissionais da saúde na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo sob coordenação F. Javier Romeu Soriano*. Generalitat Valenciana. ISBN: 84-482-4361-7.
- Ribeiro, C. (2009). *As histórias que nunca te contei... Um estudo exploratório de narrativas de maus-tratos de crianças institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Richardson, M., Henry, J., Black-Pond, C. & Sloane, M. (2008). Multiple Types Of Maltreatment: Behavioral And Developmental Impact On Children In The Child Welfare System. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, (1), 317-330. DOI: 10.1080/19361520802505735
- Rocha, I. (2010). *Código Penal Português*. Porto Editora.

- Sani, A. I. M. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Portugal.
- Saraiva, P. (2010). *A autobiografia de crianças institucionalizadas: estudo exploratório da competência narrativa e adaptabilidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal
- Sheree L. T. & Cicchetti, D. (2004). Maus-tratos na infância e seu impacto sobre o desenvolvimento psicossocial da criança. *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância*.
- Silva, G. C. R. F. (2010). O Método Científico na Psicologia: Abordagem Qualitativa e Quantitativa. *O Portal dos Psicólogos*.
- Silva, A. S. (2015, Novembro 12). Trabalho em *Acolhimento de Jovens em Instituição: Proteger, Prevenir e Capacitar – Desafios à intervenção*, Lisboa, Portugal.
- Silva, K. (2010). *Abuso sexual de crianças: aspetos jurídicos a ponderar no âmbito da pericial médico-legal*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Portugal.
- Stadler, M., & Ward, G. (2005). Supporting the narrative development of young children. *Early Childhood Education Journal*, 33(3), 73-80.
- Teicher, M. H. (2002). Feridas que não cicatrizam: a neurobiologia do abuso infantil: Maus tratos na infância podem ter efeitos negativos duradouros. *Scientific American*.
- Teixeira, D. (2014). *Produção de narrativas autobiográficas em crianças com percursos de vida típicos e atípicos: coerência estrutural, produtividade e temáticas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- Teixeira D. N., Silva, S., & Henriques, M. R. (no prelo). Crianças em acolhimento residencial: conteúdo temático das suas Narrativas de Vida. *Análise Psicológica*.
- Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação, 2ª Edição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Van der Put, C. E., Lanctôt, N., Ruiter C. & Vugt E. (2015). Child maltreatment among boy and girl probationers: Does type of maltreatment make a difference in offending behavior and psychosocial problems?. *Child Abuse & Neglect*, 46 (2015), 142 – 151.
- Varela, N. (2007). *Maus tratos e proteção social de menores: Operacionalização e eficácia das medidas de proteção*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal.
- Weitzman, J. (2005). Maltreatment and Trauma: Toward a Comprehensive Model of Abused Children from Developmental Psychology. *Child and Adolescent Social Work Journal*, (22), 3-4. DOI: 10.1007/s10560-005-0014-9